

LEITURA COMPLEMENTAR

AULA 41

Material Complementar I

HISTÓRIA DAS RELIGIÕES

Igreja Católica: Concílios e Formação Doutrinária

A IGREJA DOS APÓSTOLOS E DOS MÁRTIRES

DANIEL-ROPS

Páginas 437-478

X. O GRANDE ASSALTO DA INTELIGÊNCIA

Lutas teológicas e dramas temporais

No decorrer do século IV, depois de reconhecida nos seus direitos por Constantino, a Igreja triunfa; mas, ao mesmo tempo, corre perigo de morte. Tal é o paradoxo que nos apresenta esta época estranha, cheia de contradições e incertezas, em que a história prepara uma das suas mutações mais decisivas. No preciso momento em que Constantino colocava a Cruz sobre a cúpula do mundo, surgia uma crise que iria abalar terrivelmente o cristianismo, dividindo por algum tempo a Igreja em duas, intranquilizando muitas consciências e originando tomadas de posição que seriam de extrema importância para o futuro.

Por mais longe que remontemos na história do cristianismo, encontraremos sempre heresias e cismas. Quer se tratasse de interpretações errôneas dos dogmas e dos dados da Revelação, quer de tendências morais aberrantes ou ainda de cisões provocadas por personalidades fortes mas perdidas no seu orgulho, a verdade é que foram numerosos, muito numerosos, esses despedaçamentos, alguns dos quais deixaram cruéis cicatrizes no corpo da Esposa de Cristo.

Vimos já, no século II, Montano lançar os seus fanáticos em práticas em que a fé e a violência se misturavam numa exaltação apocalíptica. Assistimos, principalmente no Oriente, a uma proliferação delirante de teorias que, esvaziando os dogmas e a história do seu conteúdo, mas conservando o respectivo vocabulário, podiam ter sepultado o firme e são realismo evangélico debaixo de camadas de especulações estéreis: tal foi o gnosticismo, com as suas múltiplas variedades. Vimos Marcião extrair do gnos-

ticismo e da velha teoria dualista iraniana uma doutrina à qual a sua poderosa personalidade imprimiu uma grande força de expansão, e que foi como que um remoto esboço de protestantismo dualista¹.

Todas essas tendências deixaram vestígios em uma ou outra zona do mundo cristão. E, no século III, a estas causas de mal-estar vieram juntar-se outras, devidas a particularismos regionais, à ação de homens quase-grandes, como Tertuliano, e a exigências morais respeitáveis mas excessivas, como aquelas que transviaram Novaciano². O cristianismo, que é essencialmente religião de homens livres e exige menos a submissão a ritos do que a adesão profunda da consciência, está, mais do que qualquer outra doutrina, exposto a sofrer a ação de forças centrífugas. Retoma eternamente o papel que havia sido o do seu Mestre: ser um sinal de contradição entre os homens.

A época que se inaugura nos dias de Constantino, e que se há de prolongar por mais de cem anos, vai assistir ao germinar de uma abundante dezena de heresias acerca dos mais variados pontos do dogma. Algumas datavam já do século III, mas iam tomar agora um notável desenvolvimento. A sua enumeração já não desperta qualquer eco na memória cristã; à exceção dos especialistas, já não sabemos sequer os nomes dos *pneumatô-macos*, que negavam a divindade do Espírito Santo, nem desses curiosos *apolinaristas* que, partidários de uma divisão tripartida da natureza humana, sustentavam que Cristo era homem pelo corpo e pela alma sensível, mas Deus pelo Espírito e unicamente por Ele; nem tampouco os nomes de muitos outros.

No entanto, em torno dessas questões de teologia que hoje até temos dificuldade em enunciar com exatidão, travaram-se lutas em que os homens se lançaram com uma impetuosidade e um heroísmo que chegaram ao ponto de fazê-los enfrentar a morte, e que de qualquer maneira testemunham o ardor da fé nesses tempos. Três dessas dissidências viriam a ter uma importância capital na história do cristianismo: o cisma herético de Donato, o arianismo e a insidiosa corrente maniqueísta.

As crises heréticas do século IV vão ser infinitamente mais graves do que as dos tempos anteriores, e as suas características já não serão as de outrora. Há várias razões para isso. Tendo crescido extraordinariamente, a população cristã oferece, como é natural, um campo muito mais vasto aos promotores de desordens. Os dissidentes, sentindo-se mais fortes, reunir-se-

(1) Acerca de Montano, do gnosticismo e de Marcião, cfr. cap. VI, par. *Oportet haereses esse*.

(2) Sobre as crises do século III, cfr. cap. VII, & *Sombras e luzes no quadro da Igreja*; sobre Novaciano, cfr. nota 12 do cap. VII.

-ão em verdadeiras *anti-igrejas*; aquilo que Montano, Marcião ou Tertuliano não haviam feito senão modestamente, assume agora proporções ameaçadoras. Entre a Grande Igreja, católica, apostólica e romana, e as igrejas heréticas, como a de Ário, vai travar-se uma verdadeira luta de morte.

A este novo aspecto das lutas teológicas acrescenta-se outro que a evolução da história impõe. É no momento em que é reconhecida por Constantino, no momento em que estabelece com o poder laços ao mesmo tempo sutis e poderosos, que a Igreja terá de vencer a maior dificuldade da sua história até então. Trata-se de um conflito tão extraordinário que houve quem falasse de "milagre"³. A Igreja está muito mal preparada contra os que se revoltam contra a sua disciplina, exatamente porque o cristianismo é uma religião de homens livres. As suas armas são espirituais, como a excomunhão, e certamente são terríveis para os cristãos fiéis. Mas que acontece quando os não-conformistas recusam a própria autoridade espiritual em nome da qual essas penas são impostas? Que irá acontecer se o excomungado fundar uma igreja contra a Igreja? As exigências mais imediatas de todas as sociedades humanas vão, portanto, impor-se a essa sociedade igualmente humana que é a Igreja divina. O cardeal de Retz viria a exprimi-lo em termos concisos e lapidares: "As leis desarmadas caem no desprezo".

Assim, em virtude de uma lógica imperiosa, os chefes da Igreja vêem-se constrangidos a recorrer ao "braço secular". Nada é mais significativo do que o incidente que se produziu por volta de 270 com o bispo de Antioquia, Paulo de Samosata, prelado de costumes suspeitos e de doutrinas perigosas, que um concílio excomungara e cujo desterro a Igreja conseguiu queixando-se dele ao imperador pagão Aureliano⁴. Quando Constantino tiver abraçado a causa cristã, será extremamente tentador recorrer ao seu poder para esmagar pela força as cisões que ameaçarem a Igreja. Aliás, não haverá sequer necessidade de apelar para ele, porque o imperador, perseguido pela idéia da unidade, não poderá tolerar que a Igreja fique dividida contra si própria e estará sempre inclinado a restabelecer, por meio de grandes medidas sumárias, uma unidade pelo menos formal. Acontece apenas que, com isso, surgirá um novo perigo, cuja extrema gravidade os reinados posteriores hão de mostrar. Por maior que seja a boa vontade do imperador, poderá haver confiança na sua solidez doutrinal? Que acontecerá se ele se enganar e optar pela heresia? Um déspota que se julgue teólogo é um protetor deveras temível.

(3) O historiador protestante alemão Adolf von Harnack, na sua obra *Précis de l'histoire des dogmes*, tradução francesa de 1893.

(4) Cfr. cap. VIII, n. 14.

O cisma herético de Donato

Constantino acabava de se impor a Roma batendo Maxêncio junto de Ponte Mílvio, e era ainda um cristão muito em germe quando foi chamado a intervir num assunto em que a unidade da Igreja se achava comprometida: o cisma herético de Donato. É uma história bem curiosa a desta cisão religiosa, em que se invocam sem cessar os mais altos princípios, mas em que prolifera o escândalo, em que personalidades igualmente notáveis se defrontam com uma violência que o sol esquentava e em que a revolução social se mistura com o cisma e com a heresia. Durante um século, toda a África cristã será dilacerada por esse conflito⁵.

O ponto de partida desta agitação, como sempre, era nobre. Tratava-se, mais uma vez, da atitude a tomar para com os poltrões e os fracos, os *lapsi*, aqueles que tinham fugido por ocasião das últimas e terríveis perseguições ou tinham entregado os Livros Sagrados à polícia. Havia mais de cinquenta anos que essas questões agitavam a Igreja. Ainda recentemente, em Roma, a atitude rigorista tomada pelo padre Novaciano contra o papa Marcelino (290-304) tinha provocado perturbações que continuariam durante os breves pontificados de Marcelo (308-309) e de Eusébio (309), e que só a energia do papa Milcíades (eleito em 311) conseguiria apaziguar. No Egito, as misericordiosas medidas tomadas pelo bispo São Pedro de Alexandria suscitaram protestos por parte de um bispo do Alto Nilo, Melécio, tendo-se originado até um cisma que se havia de arrastar durante cinquenta anos. Na África, o conflito fora bem pior, e quando em 313 Constantino foi chamado a intervir, os cristãos da Numídia estavam à beira de uma guerra religiosa.

Por ocasião da perseguição de Diocleciano, as comunidades africanas não tinham dado provas de um heroísmo muito exemplar. A Igreja da Numídia, em particular, conhecera bastantes semi-apostasias. Em Cirta (a futura Constantina) tinham sido entregues aos pagãos os vasos sagrados e os livros litúrgicos. Mas, uma vez passado o perigo, cada um lançou sobre as próprias fraquezas um véu de discrição, reservando as suas forças para criticar os outros e denunciá-los a seu bel-prazer. A atmosfera estava contaminada por esse miasma de delações. Constituiu-se um forte partido contra Mensúrio, primaz de Cartago, que era habitualmente chamado *traditor*,

(5) Conhecemos minuciosamente a história do cisma de Donato, não só por Eusébio de Cesaréia, mas também pela obra em sete livros publicada em torno do ano 300 por Santo Optato, bispo de Milevo na Numídia. A obra relata os fatos, refuta as doutrinas e, com um cuidado de precisão raro naquele tempo, acrescenta em anexo os principais documentos oficiais sobre a questão, como por exemplo o processo da eleição de Ceciliano. Indicaremos a seguir a importância dogmática desse trabalho.

sem que o seu colega Segundo, da Numídia, se sentisse incomodado com isso, antes pelo contrário. Quando o honesto Mensúrio viu a necessidade de se defender — lembrando que o próprio São Cipriano tinha pensado, em certo período, que não devia expor-se e que a Igreja sempre tinha censurado os exagerados, os vaidosos e os temerários —, logo o partido contrário apregoeou aos quatro ventos que, se ele tentava justificar-se dessa maneira, era porque devia sentir-se muito culpado.

As coisas foram-se azedando cada vez mais à medida que, afastando-se a perseguição, passou a ser de bom tom que cada um se vangloriasse de uma resistência heróica. O primaz de Cartago, que era um homem sábio e cheio de prudência, teve imediatamente contra si todos os exaltados e vaidosos que, por terem passado quinze dias presos, julgavam poder servir de exemplo aos seus párocos e bispos. Pôs-se em circulação um manifesto que, visando a pessoa que todos sabiam, terminava com estas palavras: “Todo aquele que acompanhar os *traditores* não partilhará conosco do reino dos céus”.

Estavam as coisas neste pé quando Mensúrio morreu durante uma viagem a Roma, no ano 311, e lhe sucedeu o diácono Ceciliano, seu colaborador. Foi eleito pela maioria dos fiéis e consagrado por três bispos, mas era odiado pelo partido dos violentos. Recriminavam-no por ter sido homem da confiança do falecido bispo e por ter feito executar as suas ordens de forma excessivamente rigorosa. Lançaram-se contra ele as piores calúnias, particularmente a acusação de ter deixado propositadamente morrer de fome alguns cristãos que estavam presos. Uma das pessoas que estavam à testa dos ataques era uma mulher semi-louca, Lucila, espanhola estabelecida em Cirta; o bispo dera-lhe um basta, não só pela sua devoção deveras extravagante, mas sobretudo pela mania que tinha de beijar ostensivamente, antes de se aproximar da Sagrada Mesa, um pedaço de osso humano que trazia sempre consigo e que afirmava ser a tibia de um mártir desconhecido. Logo que Ceciliano foi eleito, ocorreu um belo escândalo: duas personalidades eminentes da sua Igreja foram por ele acusadas de terem dilapidado os objetos preciosos que Mensúrio, ao partir para Roma, lhes tinha confiado, sem que elas soubessem que antes se tinha confeccionado um inventário desses objetos. A cólera da devota e o furor dos dois infiéis depositários aliaram-se imediatamente, e a ambição dos diversos candidatos batidos na eleição episcopal acabou de compor o grupo dos descontentes.

A princípio, tudo não passava de questões pessoais, de intrigas e rivalidades próprias de agrupamentos humanos e de que a Igreja não podia estar isenta. O grupo dos adversários de Ceciliano contestou a validade da sua eleição e, por iniciativa própria decidiu reunir em Cirta um concílio pa-

ra discuti-la, oferecendo a presidência da assembléia ao primaz da Numídia, Segundo, que de maneira nenhuma se aborreceu com a gentileza. O concílio desenrolou-se em condições que poderíamos considerar cômicas, se não fossem as graves conseqüências que dele advieram. A verificação de poderes depressa se converteu num lavar de roupa suja, em que um acusava outro de ter sido um covarde e um terceiro chamava um quarto de assassino. Foi preciso que Segundo se apressasse a dizer: "Tomai os vossos lugares; Deus vos conhece".

Depois destas significativas premissas, adivinha-se a conclusão: o pseudo-concílio depôs Ceciliano e resolveu nomear um substituto para o cargo. Como que por acaso, o eleito foi um tal Majorino, que andava sempre na companhia da famosa Lucila, a qual por sua vez estivera rodopiando pelos corredores da assembléia; não admira, pois, que se viesse a saber mais tarde que o dinheiro da devota não tinha sido estranho àquela nomeação.

Surgia, portanto, um verdadeiro cisma, que tinha uma gravidade muito particular por partir da África, daquela África do terrível Tertuliano, e mesmo de São Cipriano⁶, que sempre tinha sido minada por forças separatistas, mais ou menos anti-romanas; e um cisma chamado a ter uma notável repercussão devido à ação de um homem bastante extraordinário de nome *Donato*.

Este nímida apaixonado, apto ao mesmo tempo para a doutrina, para a ação e para o governo, tinha a alma de um profeta, o temperamento de um lutador e o espírito de um condutor de homens. Movido por uma ambição sem limites, acalentou certamente a idéia de opor à Igreja universal uma Igreja africana que fosse autônoma e que ele cuidaria de dirigir. Polemista mordaz, orador vigoroso e escritor de categoria, já exercia um notável ascendente sobre o bando dos intransigentes. No "concílio" de Cirta, teve a astúcia de não se pôr em primeira fila, deixando correr sem ele a operação contra Ceciliano, mas manobrando Majorino e a sua Lucila. Depois, desaparecido o testa-de-ferro, em breve o substituiu à frente de um estado-maior de ambiciosos sem escrúpulos, em que os bispos infieis eram umas simples marionetes.

Mas Donato era suficientemente inteligente para compreender que este cisma, alimentado pela ambição e pela intriga, carecia sobremaneira de bases doutrinárias, e aplicou-se em dar-lhas. E assim a heresia veio rapidamente juntar os seus erros teóricos aos erros práticos da insubordinação. O ponto de partida de todo o banzé foi o debate sobre a intransigência

(6) cfr. cap. VII, par. A África de Tertuliano e de São Cipriano, e também *Sombras e luzes no quadro da Igreja*.

e a indulgência para com os pecadores, e foi daí que Donato extraiu uma nova teologia da Igreja.

Tanto ele como os seus discípulos passaram a afirmar que a Igreja é — antes de tudo e exclusivamente — a sociedade dos justos e nada mais. Confundindo o seu-corpo e a sua alma, a Igreja da terra e a do céu, e rejeitando a grande lição de misericórdia que sai eternamente dos lábios do Senhor, declararam que os pecadores deixavam de ser cristãos. “Para o pecado, nenhuma misericórdia” — essa foi a máxima que elaboraram, verdadeiramente surpreendente porque, entre eles, havia muitos que encontrariam grande dificuldade para não serem excluídos. Sustentaram que todos os *lapsi* e *traditores* deviam ser rebatizados, mas o batismo não seria válido se fosse administrado por um sacerdote considerado faltoso aos seus deveres. Este pretenso rigor, se tivesse prevalecido, teria provocado uma espécie de depuração geral nas comunidades cristãs, com o resultado habitual neste gênero de operações partidárias — a desconfiança e o ódio gerais, o desmembramento dos quadros, o império da arbitrariedade e da simulação. E foi o que em breve aconteceu nas fileiras donatistas.

Em 313, o cisma estava consumado e a heresia ganhava altura. Constantino resolveu intervir. Tendo instalado o seu poder na África, viu-se obrigado a escolher entre Ceciliano e os seus adversários, e optou por Ceciliano. O procônsul recebeu ordens de apoiar o bispo legítimo. Ao saberem disso, os donatistas mandaram um requerimento a Roma, suplicando ao imperador que dirimisse a questão. Cristão de fresca data e pouco conhecedor de teologia, Constantino saiu do seu embaraço convidando o papa Milcíades a resolver o assunto, sem demora e “conforme o direito”. Reuniu-se um concílio em Roma, em 2 de outubro de 313, formado por quinze bispos italianos, três bispos das Gálias, dez bispos africanos partidários de Ceciliano e dez partidários de Donato. A acusação, muito mal defendida pelos cismáticos, depressa caiu pela base e o próprio Donato se viu numa situação deplorável. Ceciliano foi confirmado por unanimidade. O negócio parecia arrumado, visto que a Igreja se tinha pronunciado. Mais ainda: no ano seguinte, reuniu-se em Arles um segundo concílio, no qual foi de novo validada a eleição de Ceciliano e condenada expressamente a prática do “rebatismo”. Nestas condições, mais uma vez parecia que tudo estava terminado. Mas Donato não se deixou desarmar.

É agora que se nota pela primeira vez a necessidade que a Igreja iria ter do braço secular. Como a Numídia cismática continuasse com os seus ataques, protestos e gritarias, a Igreja viu-se obrigada a chamar a atenção de Constantino. Este, na verdade, não sabia que resolução tomar. A sua única idéia era pacificar, reconciliar, estabelecer a unidade dentro desse cristianismo de que se havia tornado paladino. Em dado momento, convo-

cou Ceciliano e Donato ao seu quartel-general de Bréscia, mandou guardá-los à vista, interrogou-os, mas nada conseguiu. Mais adiante, mandou à África dois inquiridores, dois bispos respeitáveis, com a missão de restabelecerem a unidade, mas os emissários apenas puderam verificar a oposição irreconciliável dos cismáticos. Por fim, o imperador tomou uma decisão: em novembro de 316, deu ordens aos seus funcionários para que apoiassem Ceciliano, "homem de uma perfeita inocência". Vendo isso, os donatistas gritaram por toda a parte que Constantino fora enganado e que a sua ordem não tinha validade. Desesperado e com a paciência esgotada, o imperador resolveu empregar a força. Era a primeira vez na história que se ia desembainhar a espada em nome de Cristo.

A verdade é que Constantino, além do desejo de defender a verdadeira Igreja, tinha outros motivos para proceder assim. A agitação provocada pelos donatistas coincidia com outra de caráter bem diferente. Certos elementos anárquicos, semelhantes àqueles que haviam sido conhecidos na Gália sob o nome de *bagaudes*⁷, vinham provocando agitações nas montanhas; eram escravos fugitivos, indígenas revoltados, devedores insolventes e salteadores de estrada. O mesmo havia de ocorrer séculos mais tarde, quando às perturbações religiosas desencadeadas na Alemanha por Lutero se juntassem as agitações sociais. As fazendas começaram a ser saqueadas, os viajantes espoliados, os credores atacados e obrigados a rasgar documentos de dívida passados pelos devedores. Chamavam a estes gatunos *circumcelliones* ou vagabundos. Eram efetivamente uns aliados bem estranhos para cristãos que se gabavam de encarnar todas as virtudes!

Inquieto com a feição que tomava a questão donatista, Constantino começou a golpear com dureza. As basílicas tomadas pelos cismáticos foram restituídas à força, e não sem alguma pancadaria. Os soldados encarregados de manter a ordem tinham a mão pesada, a tal ponto que um bispo donatista e alguns dos seus foram assassinados, o que deu lugar a que a seita gritasse bem alto que só ela tinha mártires. Mas a luta contra os dissidentes confirmava a experiência anterior da luta do Império contra os fiéis: a força não triunfa sobre a resistência do espírito, mesmo quando este se extravia. E a igreja de Donato continuou.

Em 321, no momento em que ia travar a luta decisiva com o seu cunhado e rival Licínio, Constantino tentou restabelecer a paz na África. Convidou os bispos católicos a "não responder às injúrias dos seus adversários" e aconselhou-os a "não tomar nas mãos a vingança que só a Deus pertence". Foi publicado um edito de tolerância que permitia aos cismáti-

cos continuarem a existir, e este é o primeiro exemplo de uma certa fraqueza, ou antes incoerência, de que Constantino muitas vezes dará provas nos assuntos embrulhados em que foi chamado a intervir.

Nesta altura, o donatismo estava já constituído como verdadeira contra-Igreja, com os seus bispos e comunidades, com uma organização decalcada sobre a da Igreja católica. Altaneira, desprezando os seus adversários, rejeitando qualquer contacto com os católicos — declarando-se sempre mais católica do que eles —, esta seita sentia-se apoiada pelos sentimentos de inveja que certos prelados nutriam por Roma, pela obscura tendência separatista das populações nômadas e pela exaltação e violência que a terra africana imprimia nos seus filhos. Teria Constantino percebido que havia ali um conjunto de fatores excessivamente preponderantes para que os pudessem dominar? Seja como for, a verdade é que não insistiu; o donatismo sobreviveu-lhe.

Devia durar até os começos do século V. Perseguida em 347, no tempo do imperador Constante, filho e segundo sucessor de Constantino, a seita tentará resistir pela força, mas sofrerá uma verdadeira derrota, tendo a registrar a morte de um bispo. Tolerada e estimulada por Juliano, o Apóstata, que descobrirá nela uma excelente maneira de pregar uma partida à Igreja, renascerá em 362, e teremos então ocasião de ver bispos donatistas bandearem-se para o assalto a basílicas católicas e comportarem-se abominavelmente. Encontraremos destes agitadores em todos os incidentes fomentados pelos cabilas contra as autoridades romanas, e em Roma ler-se-ão panfletos de Macróbio contra os papas e imperadores, acusando-os de não aderirem às teses de “Donato, o Grande”. Será somente por volta do ano 400 que, apesar dos esforços dos sucessores de Donato — principalmente do habilíssimo Parmeniano — para manter unida a sua seita, o cisma se decomporá por si próprio, minado pelos escândalos⁸ e prestes a soçobrar definitivamente sob os golpes desse eminente campeão da unidade católica que surgirá no fim do século: Santo Agostinho.

Esta crise que dilacerou tão duramente a África cristã serviu, em todo o caso, para mostrar como a Igreja católica se conservava sólida e eficiente perante o erro. Foi a muito custo que o cisma pôde sair da sua terra natal; não conseguiu pôr o pé na Gália nem na Ásia, e apenas em Roma teve alguma expressão. Contra as tendências excessivas que teriam lançado o cristianismo no fanatismo, traído a verdadeira mensagem do Evan-

(8) Desde o princípio, o donatismo ofereceu um solo fértil para o escândalo. Em 320, um diácono de Cirta, então já Constantina, desavindo com o seu bispo, revelou todas as combinações do famoso “concílio” em que Ceciliano foi tão maltratado, e provou que vários dos votos episcopais conquistados por Majorino haviam sido comprados mediante bom dinheiro pela devota Lucila. O fim do donatismo será evocado noutra volume, a propósito do século V.

gelho e refreado singularmente a sua expansão, a Igreja, como sempre, escolheu o caminho da moderação, da clemência e da verdadeira caridade. Por ocasião das grandes discussões doutrinárias desencadeadas por Donato e pelo seu filho espiritual Parmeniano, a inteligência cristã precisou numerosos pontos do dogma, graças sobretudo a *Santo Optato de Milevo*, campeão da catolicidade e da unidade, teólogo dos sacramentos, precursor de Santo Agostinho e eminente anunciador das teses do grande doutor de Hipona. Seria para admirar que, das numerosas misérias desta Igreja da África, tivessem saído somente elementos de valor. É necessário ver também, nas perturbações que ali enfraqueceram o cristianismo, uma das causas profundas da pouca resistência que mais tarde a fé virá a oferecer à ação do Islão.

Ário contra Jesus

O donatismo era fundamentalmente uma rebelião, uma cisão que se tinha mais ou menos tingido de heresia, mas que, doutrinariamente, não punha em causa o essencial. Muito diferente foi o *arianismo*, a mais terrível heresia que a Igreja teve de enfrentar no decorrer dos séculos, porque abalou as próprias bases da fé, falseou o sentido mais profundo da mensagem evangélica e atacou o próprio mistério de Cristo.

Conduzido com uma amplidão e uma agilidade extraordinárias, propagado por homens que eram, na sua maioria, tudo menos uns medíocres, o arianismo vai desenrolar os episódios da sua confusa história numa atmosfera febril, com um furor que hoje nos custa compreender que se tenha devido a uma violenta paixão pela verdade teológica. Durante mais de cem anos, travar-se-á na alma humana uma batalha delirante, em que se discutirá acerca de pontas de alfinetes e em que surgirão, a propósito e fora de propósito, as mais altas questões relativas à Divindade, no meio do ódio e de duelos sem piedade. Foi este o estranho drama a que Chateaubriand chamou “o grande assalto da inteligência”; mas, se esse drama nos parece hoje bastante alheio à nossa psicologia, não será talvez porque a nossa época, de fé mais tibia e de temperamento mais frouxo, já não sente com a mesma acuidade as exigências do conhecimento de Deus?

O homem que originou toda esta tragédia e que deu nome à heresia — *Ário* — tinha em si uma mistura inextrincável de qualidades e defeitos, fundidos no cadinho desse orgulho que encontramos sempre nos grandes hereges. Nada nele era insignificante: nem a inteligência, nem o caráter, nem a violência, nem a ambição. O seu belo rosto macilento, o seu ar de austeridade modesta, a severidade serena e vibrante das suas palavras,

tudo parecia feito para seduzir, e por isso eram muitas as jovens apaixonadas que o rodeavam. Sábio e dotado do dom da dialética como só o podia ter um oriental imbuído de espírito grego, era — segundo se diz — virtuoso, duro para consigo mesmo, dado a penitências e ascetes, aureolado de dignidade e quase de santidade. Num Lutero que, mal largou o hábito, cedeu ao calor do sangue e se casou, as razões da sua rebelião podiam não parecer muito teológicas, mas, quanto a Ário, nada se podia dizer contra ele no plano moral; e não era menos perigoso por isso.

Por volta do ano 321, quando rebentou a crise, era já um velho; devia ter perto de sessenta anos. De origem líbia, mudara-se ainda jovem para essa Alexandria onde a paixão das idéias desde há séculos atormentava os espíritos e fazia proliferar as doutrinas, e ali se fartara de todos os alimentos atraentes e suspeitos que o gnosticismo, o neoplatonismo, o origenismo e muitas outras teorias tinham deixado ao alcance de toda a gente. Talvez se tivesse dirigido também a Antioquia para ouvir Luciano, célebre doutor⁹ cujo ensino era fortemente cívico de subordinacionismo¹⁰, e que veio a ser colocado nos altares mais pelo heroísmo da sua morte do que pela ortodoxia das suas teses. Ordenado diácono bastante tarde, em 308, e sacerdote dois anos depois, Ário estava em 313 encarregado da igreja de Baucalis, um dos bairros de Alexandria, mas a sua auréola e o seu prestígio ultrapassavam de longe os de um simples pároco.

Logo correu no grande porto do Egito o boato de que o presbítero de Baucalis, maravilhoso pregador, atraía as multidões e expunha concepções novas em matéria de dogma. Na realidade, não é que fossem novas, mas apresentavam-se sistematizadas por um dialético eminente, erigidas em corpo de doutrina e difundidas por um homem que tinha o dom da publicidade. As virgens e gente moça que se comprimiam a seus pés disseminavam por toda a parte pequenas perguntas insidiosas: “Uma mulher pode ter um filho antes de tê-lo dado à luz?”, e disso tiravam conclusões estranhas. As coisas chegaram a tal ponto que o bispo de Alexandria começou a inquietar-se.

Tratava-se do bispo Alexandre, homem firme, corajoso e de grande virtude; Ário, que sonhava com sentar-se na cadeira episcopal, não nutria muita simpatia por ele. Em 321, tornou-se tão evidente que a igreja de Baucalis era um foco de erros que Alexandre, talvez por insistência de um grupo de fiéis, resolveu intervir. Com lealdade, “preferindo evitar a

(9) Trata-se de São Luciano de Antioquia, cuja memória era venerada por Constantino. Cfr. cap. IX, par. *O batismo da morte*, 337, e cap. VII, nota 31.

(10) Erro que consistia em subordinar na natureza divina o Filho e o Espírito Santo ao Pai. Cfr. cap. VII, par. *Sombras e luzes no quadro da Igreja*.

força e usar de persuasão'', convidou os dois partidos, Ário e os seus adversários, a explicar-se perante um sínodo em que uma centena de bispos do Egito e da Líbia emitiria a sua opinião.

Em que consistia o sistema de Ário, tal como iria estabelecer as bases da *heresia ariana*? Como todas as heresias, partia de uma idéia justa: a da grandeza sublime e inefável de Deus. Único, não gerado, Deus é "Aquele que é", como já dizia o Antigo Testamento, o Ser absoluto, o Poder e a Eternidade absolutos. Até aqui tudo estava certo. Mas Ário acrescentava: "Deus é incomunicável, porque, se se pudesse comunicar, teríamos de considerá-lo um ser composto, suscetível de divisões e mudanças", dedução que só a imprecisão dos termos tornava aceitável. Ora, continuava Ário, se Ele fosse composto, mutável e divisível, seria mais ou menos corporal; mas isso não pode ser, donde se conclui que é sem dúvida incomunicável e que, fora dEle, tudo é criatura, *incluído Cristo*, o Verbo de Deus. Aqui está o ponto exato em que se situa o erro: Jesus, o Cristo, o Filho, não é Deus como o Pai; não é seu igual nem é da mesma natureza que Ele. Entre Deus e Cristo abre-se um abismo, o abismo que separa o finito do infinito.

Como se vê, Ário ataca a própria divindade de Jesus Cristo. Não é que não lhe reconheça certos atributos divinos; vê nele o Verbo, o Logos, agente da Criação, e afirma que Ele foi tirado do nada por Deus antes de todos os séculos, antes de que o tempo existisse. Mas, ainda que fosse uma criatura excepcional, nem por isso deixou de ser criatura, sujeita a cair no erro e a mudar. No entanto, Ário venera Jesus; vê nesta criatura única a encarnação da própria Sabedoria incriada, o exemplo admirável de um homem que se elevou ao cume da perfeição pelo livre esforço da sua vontade e que mereceu ser, verdadeiramente, o que cada homem poderia ser — o Filho de Deus. Jesus, o Cristo, não é Deus em si, por essência; tornou-se Deus pelo seu heroísmo, pela sua santidade, pelos seus méritos, sendo tudo isso a prova de uma escolha única, de uma predileção de Deus.

Nunca, em dois mil anos de história, se há de conhecer heresia tão fundamental. Se Cristo não é Deus, todo o cristianismo desaba e se esva-
zia da sua substância. Já não há Encarnação nem Redenção. Mas era precisamente isso o que tornava temível o poder da doutrina herética. Anulando o mistério da Encarnação, essa heresia tornava o cristianismo mais acessível aos pagãos, que se sentiam estupefatos perante a idéia de um Deus feito homem, mas que, pensando nos heróis divinizados da tradição antiga, podiam compreender perfeitamente que um homem se tornasse Deus pelos seus méritos. Por outro lado, houvera na própria Igreja teólogos que tinham sustentado que o Pai e o Filho não eram senão uma única e a mes-

ma pessoa: era a heresia sabeliana¹¹, que fora condenada mas continuava bastante viva como tendência. Ora, as teses de Ário, distinguindo nitidamente as duas Pessoas divinas, podiam passar como úteis reações a essa teoria. Por fim, a empresa herética tinha a ajudá-la a extraordinária habilidade de Ário para jogar com o sentido de certas palavras da Escritura, como por exemplo a afirmação “Deus me criou”, que se encontra no livro dos *Provérbios* e que os arianos entendiam como profética em relação ao Messias, ou ainda a passagem do *Evangelho segundo São João* em que Jesus confessa: “O Pai é maior do que eu”. Este filosofismo cristão, este deísmo hipócrita tinha em si com que seduzir — e, efetivamente, exerceu uma sedução extraordinária.

Ário apresentou-se no sínodo reunido em Alexandria com tranqüila audácia. Sabia-se apoiado. Em diversos partidos do cristianismo, havia homens que pensavam como ele ou quase como ele. Alguns antigos alunos de Luciano de Antioquia tinham orientado os ensinamentos do seu mestre num sentido que era muito próximo do daquele a que chegava o teorizador de Baucalis. Citava-se, entre estes arianos em potência, o bispo de Cesaréia, o historiador Eusébio, apesar de ser um homem que se conservava numa certa reserva e não deixava ver nitidamente as suas posições. Mas Ário sabia ter um amigo fiel sobretudo na pessoa de um outro Eusébio, o bispo de Nicomédia, personagem perigosa e de ambição desmedida¹² que, residindo perto da capital oriental do Império, estava em condições de agir sobre o imperador. Mas, se Ário — “esse homem de ferro”, como mais tarde escreverá Constantino — era resoluto na luta, teria de cruzar ferros com uma outra lâmina de aço: Atanásio, um pequeno diácono de vinte anos, secretário do bispo Alexandre, cuja aparência débil ocultava uma alma indomável e que iria ser o maior adversário que o erro encontraria pela frente.

O sínodo decorreu num clima cheio de exaltação. Excetuados dois ou três, todos os bispos presentes estavam do lado de Alexandre, isto é, da ortodoxia, e contra Ário. Houve momentos dramáticos, como quando o heresiarca, arrastado pela sua lógica, afirmou que Cristo era uma criatura

(11) Heresia desenvolvida sobretudo no século III sob diversos nomes e com diversas variantes. É uma forma do *modalismo*, que não vê nas Pessoas divinas senão “modos” de ação de um só Deus, e não seres reais, individualizados. O nome de *sabelianismo* vem do padre Sabélio, que o lançou ruidosamente em Roma, no tempo dos papas Calisto e Zeferino (cfr. cap. VII, par. *Sombras e luzes no quadro da Igreja*).

(12) Bispo de Beirute, na Síria, Eusébio tinha conseguido ser transferido para a sé de Nicomédia, bem mais importante, onde se tornou confidente de Constança, irmã de Constantino e mulher de Licínio. Passou por uma situação difícil após a derrota deste, mas conseguiu habilmente recuperar as boas graças de Constantino e exerceu quase ininterruptamente a sua influência sobre ele, acabando por batizá-lo no leito de morte.

e, portanto, teria podido errar e pecar, e a assembléia soltou um grito de horror. Ário foi condenado e com ele alguns clérigos de Alexandria, de Mareótiis e da Círenaica, que tinham aderido às suas teses. Recebeu ordem formal de submeter-se ou demitir-se. Durante algumas semanas, tentou ainda conservar o lugar de presbítero, mas logo verificou que, para travar a batalha, precisava sair do Egito. E partiu.

Daí por diante, o que fora uma simples agitação local, semelhante às que a Igreja tinha conhecido e às várias outras que o Egito sofria naquela mesma época, iria tornar-se um vasto movimento em contínua expansão por todo o Oriente, esse solo fértil para todo o tipo de religiões estranhas, de teorias aberrantes e de inesgotáveis especulações sobre os mistérios divinos. Ao passo que os cristãos do Ocidente, menos dados à diversão intelectual, se preocupavam mais com viver o cristianismo e integrá-lo no real do que com comentá-lo, o desmedido gosto oriental pelas palavras abriu às teses arianas um campo ilimitado.

Instalado a princípio em Cesaréia da Palestina, onde o bispo lhe deu proteção, Ário, muito habilmente, entrou em contacto com todos aqueles que, de perto ou de longe, em maior ou menor grau, podiam ser da sua opinião. Eusébio de Nicomédia recebeu dele um relato do que se passara em Alexandria e um pedido de proteção. Sob o pretexto de que Ário tinha sido perseguido pelo seu bispo, o ambicioso Eusébio, encantado de desempenhar um papel de certo brilho, chamou-o para junto de si. Quando soube disso, Alexandre dirigiu uma carta aos seus principais colegas, pondo as coisas em pratos limpos e acusando formalmente de intriga o prelado de Nicomédia. A questão egípcia convertia-se assim num duelo de bispos, numa luta entre facções que ameaçava a unidade da Igreja oriental tão gravemente como o conflito donatista ameaçara a da Igreja africana.

No decurso do inverno de 323-324, não havia uma pessoa instruída no Oriente cristão que ignorasse estar iminente uma crise que prometia ser muito grave. Os bispos escreviam uns aos outros, quer a favor de Ário, quer contra ele. Alexandre recebia censuras de Eusébio de Cesaréia. O próprio heresiarca, para baralhar as cartas, fazia circular um "símbolo" em que, resumindo as suas teses, as envolvia habilmente em tantas expressões de duplo sentido, frases equívocas e figuras de linguagem, que muitas pessoas bem intencionadas podiam ser induzidas em erro. Ao mesmo tempo, compunha uma importante obra, metade em prosa, metade em verso, ao que parece com incontestável talento — a *Talia* ou *O Banquete* —, na qual afirmava que as suas doutrinas eram as dos "verdadeiros filhos de Deus", daqueles "a quem o Espírito Santo inspira". Nos meios intelectuais, esse grosso tratado foi muito lido. Quanto ao bom povo cristão, que a propaganda ariana cuidava muito de não esquecer, repetiam-se

refrões de cânticos que o próprio Ário compusera e nos quais, sob a piedosa suavidade de palavras edificantes, se escondiam erros abomináveis.

Foi então que Constantino interveio:

O Concílio de Nicéia em 325

No outono de 324, Constantino venceu definitivamente seu cunhado Licínio e ficou senhor do Oriente, como já o era do Ocidente. Porém, ao entrar em Nicomédia, mais como mensageiro de Cristo do que como senhor, viu com horror que pesava sobre a Igreja uma ameaça de divisão bem pior do que aquela que ele pensava ter evitado na África. Apavorado, cheio de desespero, perdeu o sono e meditou sobre o assunto durante longas noites passadas em claro.

Quando se tratava de matéria religiosa, este grande político raciocinava como um gendarme, aliás como um gendarme cheio de boas intenções. Em todas as discussões teológicas que fossem sutis e decisivas, apenas via uma coisa: o perigo que ameaçava a cristandade e que lhe cabia a ele afastar a qualquer preço. Custava-lhe admitir que se discutisse tão ferozmente sobre palavras que lhe pareciam tanto mais insignificantes quanto maior era a sua ignorância sobre o assunto. Posto ao corrente da propaganda ariana, não desperdiçou uma oportunidade tão excelente de intervir numa questão em que o seu querido cristianismo estava em crise e escreveu imediatamente uma longa, veemente e patética carta aos dois adversários — o bispo e o sacerdote rebelde —, que se encontravam ambos em Alexandria naquele momento.

Essa carta, bastante curiosa, revela-nos bem a sua psicologia religiosa. Se tinha razão para censurar aos alexandrinos, tomados em conjunto, o seu excessivo amor pelos “exercícios do espírito”, que levam sempre a discussões ociosas, também se liam na carta saída da pena imperial frases como estas: “Refletindo sobre a origem da vossa divisão, vejo que a causa é insignificante e não é suficiente para pôr as almas em tanto alvoroço [...]. Há questões em que é tão inútil perguntar como responder. Quantas pessoas há que compreendam uma matéria tão difícil e possam ter sobre ela uma opinião? [...] No fundo, pensais o mesmo e podeis facilmente chegar à mesma comunhão de idéias. — Permanecei unidos! Voltai à vossa mútua caridade! — Porque, decididamente, não se trata entre vós de um ponto essencial da fé: no culto de Deus, ninguém pensa em introduzir um novo dogma”.

Esta boa vontade era deveras comovente, mas o seu simplismo era igualmente absurdo. Pôr de acordo aqueles que afirmam a divindade de

Jesus e aqueles que a negam é o mesmo que conciliar os contrários. Mas Constantino parecia estar convencido, nessa altura, de que a sua onipotência acabaria por consegui-lo. Mandou entregar a carta por um enviado extraordinário, investido de amplos poderes de investigação e execução, que era um dos seus conselheiros eclesiásticos, o espanhol Ósio de Córdova. Este homem estava longe de ser um ingênuo ou um tolo. Era bispo, um grande bispo, já com perto de setenta anos, mas tão vigoroso que viria a morrer mais que centenário, um confessor da fé que trazia na sua carne as marcas gloriosas do martírio e, sem sombra de dúvida, um verdadeiro homem de Deus. Grave, sábio, firme em questões de disciplina, porém pouco propenso a discussões estéreis, este provinciano cheio de rugas talvez não estivesse talhado para compreender os sutis doutores de Alexandria, mas quem sabe se isso não seria melhor...

Não foi necessário muito tempo para que Ósio formasse uma opinião. Depois de se ter posto em contacto com o episcopado egípcio e de ter assistido a um pequeno concílio regional, não ocultou que tomava partido por Alexandre contra Ário. Quando peceberam isso, os partidários do padre rebelde sublevaram-se na cidade e chegaram até a destruir algumas estátuas do imperador. Na mesma ocasião, um concílio provincial reunido em Antioquia para eleger um novo bispo terminava em tumulto, porque, tendo-se discutido a questão de Ário, três ou quatro prelados, entre os quais Eusébio de Cesaréia, tinham defendido descaradamente o herege. Era preciso pôr fim a tudo aquilo.

Enquanto Ósio regressava a Nicomédia, seguido pouco depois por Alexandre e mais tarde por Ário; enquanto o imperador mandava ao Egito dois oficiais do palácio encarregados de restabelecer a ordem e reprimir os arianos amotinados; enquanto, enfim, os partidários do rebelde eram obrigados a pagar duas vezes o imposto normal de capitação, Constantino decidia resolver de uma vez por todas essa aborrecida história. Bastante convencido, como sempre, de que conseguiria arranjar tudo, pensou em julgar pessoalmente o caso, pois, como escreveu candidamente ao "homem de ferro", Ário, "ele saberia sondar o fundo do coração". Mais prudentes, os seus conselheiros eclesiásticos, principalmente Ósio e os prelados de Antioquia, aconselharam-no a reunir uma assembléia plenária, presidida por ele, para julgar o assunto a fundo.

Como se sabe, havia já muito tempo¹³ que a Igreja conhecia a instituição conciliar. Não se tinha realizado o primeiro concílio em Jerusalém¹⁴, no ano 49, quando São Paulo e os Apóstolos tinham examinado juntos a

(13) Cfr. cap. V, par. *A unidade da Igreja e o primado de Roma*.

(14) Cfr. cap. II, par. *Problemas do passado*.

questão judaica? Na Igreja primitiva, sempre que houvera necessidade de fixar pontos graves de disciplina, tinham-se celebrado reuniões regionais, e na África, assim como na Itália, essas reuniões efetuavam-se regularmente, a fim de manter os laços entre os chefes da cristandade. No Oriente eram mais intermitentes, mas tinha-se visto celebrar um grande número delas em Alexandria, em Antioquia e mesmo em Ancira — atual Ankara —, em plena Ásia Menor. Estava lançada a idéia de um concílio que reunisse toda a cristandade, que materializasse a unidade da Igreja numa reunião gigantesca. Constantino perfilhou-a com alegria; para um Império unido, uma Igreja unida: esse era o seu lema. O Universo, o *oecumene*, como se dizia em grego, tinha um único chefe, que era ele; o concílio que restituiria a unidade à Igreja seria universal — *ecumênico*. Assim foi decidido o primeiro “concílio ecumênico”.

A reunião foi preparada durante o inverno de 324-325. O lugar em que se pensou inicialmente foi Ancira, mas julgou-se que a longínqua cidade continental seria de difícil acesso e que, para uma sessão de primavera, o clima dos altos planaltos da Ásia Menor seria excessivamente agreste. Escolheu-se, portanto, Nicéia, cidade da Bitínia próxima do mar Propôntide, vizinha de Nicomédia e daquela Bizâncio que começava a transformar-se em capital, e onde o mês de maio era muito agradável. O primeiro concílio ecumênico seria, portanto, o *Concílio de Nicéia*.

Constantino fez as convocações diretamente. Convidou pessoalmente cada um dos bispos, por meio de cartas repassadas do mais tocante respeito, no dizer de Eusébio. Quem foi convocado? Quem apareceu? Sempre cheio de entusiasmo, Eusébio afirma que “a flor dos ministros de Deus chegou de toda a Europa, da Líbia e da Ásia” e que “uma só casa de orações, como que dilatada pelo poder divino, reuniu sírios, cilicianos, fenícios, árabes, palestinos, gente do Egito, da Tebaida, da Líbia, da Mesopotâmia”, e que se contavam também o bispo da Pérsia, macedônios, trácios, aqueus, epirotas, e até que “os mais distantes vieram da Espanha, como, por exemplo, um muito ilustre”.

Através de toda esta ênfase, adivinha-se a verdade: o Oriente estava muito mais abundantemente representado do que o Ocidente; embora o imperador se tivesse responsabilizado pelas despesas de viagem de qualquer bispo que quisesse vir, os bispos latinos eram pouco numerosos. Obviamente estava lá Ósio, o “muito ilustre”, bem como Ceciliano de Cartago, um bispo calabrês, um de Die, na Gália, e um da Panônia. Era esta, mais ou menos, a representação do Ocidente. Quanto ao bispo da cidade imperial, o papa Silvestre, não tendo podido comparecer “em razão da sua idade avançada”, fez-se representar por dois prelados da sua Igreja, Vito e Vicente.

Quantos eram esses delegados de toda a cristandade? Eusébio de Cesaréia fala de duzentos e cinquenta, e acrescenta que eram acompanhados de tantos sacerdotes, diáconos e acólitos que era impossível contá-los. Santo Atanásio menciona outra cifra: trezentos e dezoito, um número que se tornou tradicional. Seja como for, era uma assembléia considerável pelo número e sobretudo pela qualidade dos seus membros. Destacavam-se homens célebres, cujos nomes a voz do povo cristão tornara muito conhecidos, como os taumaturgos Espiridião e Tiago de Nísibis que, segundo se dizia, haviam ressuscitado mortos; os confessores da fé Potamão de Héracles e Pafúncio da Tebaida, que tinham sofrido o vazamento de um olho no tempo do perseguidor Maximino, ou ainda Paulo de Neocesaréia, que trazia nas mãos as cicatrizes dos ferros em brasa que Licínio lhe mandara aplicar. Constantino podia contemplar com orgulho esta assembléia única de santos, reunida por sua iniciativa.

A sessão de abertura teve lugar em 20 de maio de 325, evidentemente com discursos. Precisamos imaginar o estado de feliz exaltação em que se encontravam todos estes homens, o contacto tão comovente entre irmãos que nunca se tinham visto, a prodigiosa reviravolta da situação que fazia dos supliciados da véspera os triunfadores de hoje. Dez anos atrás, a maior parte deles — e alguns, apenas um ano antes: os dos territórios de Licínio — tinham vida de proscritos e uma perpétua ameaça pairava sobre as suas cabeças; agora deparavam com o fausto dos palácios, a majestade das cerimônias, a guarda de honra que lhes apresentava armas. Compreende-se bem que tenham sido imensos a emoção e o reconhecimento. Um bispo disse-o ao imperador e este respondeu fazendo votos para que, “por meio da união íntima das almas”, fosse dada ao mundo “a concórdia, árbitro pacífico e lei de todos”.

Aconteceu com este voto o mesmo que acontece com todos os que se emitem na abertura dos congressos. Logo que se entrou em questões verdadeiramente graves, verificou-se que havia duas tendências que se defrontavam, e que elas eram irreconciliáveis. Ário, se não estava no concílio, pelo menos movimentava-se pelos corredores e orientava com conselhos hábeis e táticos o grupo dos seus partidários. Tinha a apoiá-lo na assembléia uma boa quinzena de bispos, entre os quais sobressaía Eusébio de Nicomédia, que estava em vias de reconciliar-se com Constantino. Houve toda uma série de manobras sutis. Ário preparou e fez pronunciar por um dos seus amigos um discurso em que, acentuando com ênfase o que nas suas teses se opunha vitoriosamente às heresias outrora condenadas, deslizava sutilmente sobre pontos contestáveis dessas teses, envolvendo-os num vocabulário propositadamente vago. Um grupo de bispos tentou compor as coisas empregando, para definir Cristo, apenas termos usados na Escritura.

Não se poderia dizer, por exemplo, que o Verbo é “de Deus”, que é “Filho de Deus”, que é “a força e a imagem do Pai”? A isto os arianos responderam com ironia que subscreviam de boa vontade essas fórmulas, tanto mais que podiam ser entendidas no sentido que eles lhes davam. Eusébio de Cesaréia, por seu lado, tentou salvar Ário, submetendo a aprovação um “símbolo” que deixasse uma porta aberta aos equívocos, mas não teve quem o acompanhasse.

A verdade é que todas essas discussões eram vãs. Os partidários mais ou menos declarados de Ário bem podiam lançar mão de todos os recursos da dialética, que tinham contra eles o mais profundo sentimento cristão. Para além de todas as argúcias, havia um ponto que se impunha ao próprio espírito do cristianismo, um ponto que o diácono Atanásio pusera em foco desde a sua juventude, e que era um dado fundamental e uma pedra angular: a Redenção. Ora, a Redenção não terá sentido se não for o próprio Deus quem se tenha feito homem, se Cristo não for ao mesmo tempo verdadeiro Deus e verdadeiro homem. “O Verbo se fez carne e habitou entre nós”: esta afirmação de São João pressupõe que o Logos é plenamente Deus e não um homem divinizado à maneira pagã. O Filho não é uma criatura; existiu sempre e sempre se conservou ao lado de seu Pai, unido a Ele, distinto mas inseparável; foi sempre infalível e perfeito. Foi isto o que o Concílio exprimiu ao afirmar que o Filho é *consubstantial* ao Pai.

Ário foi, portanto, condenado. Quando deram a conhecer ao Concílio alguns fragmentos da sua *Talia*, os erros mostraram-se tão patentes que uma onda de indignação sacudiu todos aqueles homens fêrvorosos. Uma maioria esmagadora afirmou que o Filho era verdadeiramente Deus, *consubstantial* ao Pai. Apenas cinco bispos se recusaram a subscrever a declaração, mas como o imperador declarasse que empregaria a força para obrigar a aceitá-la, três deles submeteram-se e somente dois preferiram partir com Ário para o exílio, nas montanhas da Ilíria.

Alguns, mais maldosos — entre outros, os Eusébios — pensaram que podiam fazer sobreviver as suas doutrinas com uma insignificante mudança de grafia. Substituíram a palavra *homooúsios*, que quer dizer “da mesma substância”, pela palavra *homoioúsios*, que significa “de uma substância semelhante”¹⁵. Entre as duas palavras não há diferença senão de um *iota*, mas essa diferença, mínima na aparência, era fundamental, e temos de avaliar bem a importância da jogada. Entre *homooúsios* e *homoioúsios*,

(15) Entre as duas palavras não há senão um *i*, um *iota*, de diferença. Alguns sustentaram que é daqui que provém a expressão proverbial “não mudar um *iota*”, mas a expressão pode vir também do *Evangelho segundo São Mateus*, 5, 18.

havia um abismo: de um lado, a identidade com Deus; do outro, a simples semelhança ou não-dissemelhança. O gênio sutil dos gregos aprendeu perfeitamente a diferença, e os Padres ortodoxos orientais terão precisamente a missão histórica de afirmar a identidade, a despeito de todas as seduções, tentações e argúcias. Esta astúcia ortográfica havia ainda de ter conseqüências muito graves.

O caso ariano parecia, no entanto, resolvido. Depois de se ter hesitado alguns dias sobre a necessidade de promulgar um novo "Símbolo", que precisasse o velho *Símbolo dos Apóstolos* usado na Igreja primitiva ¹⁶ — alguns diziam que isso era inútil, que não se devia levar muito longe a tentativa de fixar os termos dos mistérios e que mais valia conservar as fórmulas do passado —, decidiu-se por fim proceder a uma nova redação.

Decorrera já um mês desde a abertura do Concílio e já se tinha trabalhado bastante ¹⁷. Como o encerramento coincidia com o aniversário da sua subida ao poder, Constantino ofereceu a todos os prelados um grande banquete, durante o qual — empunhando a taça no meio de uma emoção que se justificava pela felicidade do homem de fé sincera, pelo menos tanto quanto pela influência do vinho de Quios — fez um longo discurso para exaltar os resultados do Concílio e para convidar cada um a manter a paz à sua volta e evitar toda a inveja e discórdia, aproveitando a ocasião para sublinhar incidentalmente o seu papel de "bispo do exterior", como ele próprio declarou. Depois, munidos de cartas do imperador para as suas ovelhas, cumulados de presentes, os delegados partiram. "Deus quis, disse Constantino, que o brilho da verdade prevalecesse sobre dissentimentos, cismas, perturbações e venenos mortais da discórdia". E estava convencido disso.

O Símbolo de Nicéia

O texto adotado pelo Concílio para fixar o dogma católico perante Ário e os seus sequazes permaneceu na Igreja como elemento fundamental até os nossos dias. Estava estabelecida uma nova "regra de fé", não substancialmente diferente da que haviam seguido os primeiros cristãos,

(16) Cfr. cap. V, par. O *Símbolo dos Apóstolos*, "regra da fé".

(17) O Concílio tratou ainda de outras questões menos graves. A data da Páscoa foi fixada definitivamente no domingo que se segue ao dia 14 da Lua de Nisan (março); cfr. nota 28 do cap. VI. Pôs-se fim ao cisma egípcio de Melécio, devido à reconciliação dos seus antigos partidários com a Igreja, e foram derrotados os últimos partidários de Paulo de Samosata e de Novaciano.

do velho “Símbolo dos Apóstolos”, mas mais explícita e redigida de tal forma que não pudesse dar lugar a erro. Esse texto é o *Símbolo de Nicéia*.

O nosso texto moderno não difere em substância do texto primitivo tal como Eusébio, Santo Atanásio, Teodoreto, Sócrates e Gelásio o reproduziram em grego nos séculos IV e V, e como Santo Hilário de Poitiers o traduziu para o latim. Em 451, o Concílio de Calcedônia quis estabelecer a redação oficial, mas — possivelmente por erro do copista — omitiram-se algumas palavras que a Igreja restabeleceu segundo a forma mais antiga. Tal como se apresentava à saída da assembléia de Nicéia, o *Símbolo* dizia ¹⁸:

“Nós cremos em um só Deus,
 Pai todo-poderoso, criador [do céu e da terra],
 de todas as coisas visíveis e invisíveis;
 E em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho [Unigênito] de Deus,
gerado monôgeno do Pai, isto é, da essência do Pai,
 Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro,
 Gerado, não criado, consubstancial ao Pai,
 Por quem todas as coisas foram feitas, *tanto o que existe no céu*
como na terra,
 Que, por nós homens e por nossa salvação, desceu [dos céus], en-
 carnou [pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria] e se fez
 homem,
 [Também por nós foi crucificado,] padeceu [sob Pôncio Pilatos, e
 foi sepultado].
 Ressuscitou ao terceiro dia [conforme as Escrituras], subiu aos céus
 [onde está sentado à direita do Pai, e]
 Onde há de vir [na sua glória] para julgar os vivos e os mortos
 [E o seu reino não terá fim].
 E cremos no Espírito Santo ¹⁹”.

(18) Grifamos as palavras que não são idênticas ao texto atual e colocamos entre colchetes aquelas que foram acrescentadas posteriormente.

(19) O primeiro *Símbolo de Nicéia* limitava-se, quanto ao Espírito Santo, a esta simples afirmação de fé. Mas, no fim do século IV, como diversas correntes heréticas tivessem atacado a divindade da terceira Pessoa da Trindade, a Igreja viu-se na necessidade de proclamá-la mais explicitamente, e foi redigido o versículo que lhe diz respeito no nosso texto atual. Completou-se também o texto com afirmações de fé que se referem à Igreja, ao batismo, à absolvição dos pecados, à ressurreição dos mortos e à vida eterna, que são afirmações com as quais se encerra o nosso *Credo*. Uma tradição não de todo unânime pretende que estas precisões foram obra do *Concílio de Constantinopla*, em 381. Em qualquer caso, é certo que foi neste último Concílio que elas foram elaboradas, se não formuladas, e é por isso que se designa vulgarmente o nosso texto atual com o nome de *Símbolo niceno-constantinopolitano*. Cfr. cap. XII, par. *Teodósio*.

Comparado com o velho Símbolo dos Apóstolos, este texto tem qualquer coisa de menos unido, de menos simples e, sob certos aspectos, de menos comovente. É o texto de uma Igreja mais amadurecida, que já sentiu o dogma ameaçado e que toma as suas precauções. O lugar considerável dado a Cristo nestas definições, em que cada palavra tem o seu peso, prova suficientemente que era ali que estava situado o essencial do drama. O Símbolo de Nicéia não trouxe qualquer inovação. Tudo o que proclamou em fórmulas teológicas encontrava-se já implícito ou explícito no Evangelho: somente precisou e fixou definições que já não se poderiam questionar.

Quando chegou o momento de promulgar o texto, que todos os preladados do Concílio tiveram de aceitar publicamente, julgou-se conveniente tomar uma precaução suplementar e foi-lhe acrescentada uma fórmula de anátema: “Quanto àqueles que dizem: «Houve um tempo em que Ele não existia», e ainda: «Antes de ser gerado não existia»; ou ainda «Ele foi feito do que não existia ou de uma outra hipóstase ou *ousia*»; ou enfim: «O Filho de Deus é criado, alterável, mutável», a Igreja católica os anatematiza”.

Estas precisões punitivas pouco dizem aos cristãos de hoje, que, na sua quase unanimidade, não pensam de maneira alguma em pôr em causa a divindade de Cristo; poderão parecer-lhes o tipo exato dessas fórmulas “bizantinas” cuja inutilidade frívola se tornou proverbial. Mas — repetimo-lo — tinham uma importância capital. O mérito dos teólogos do século IV foi terem compreendido isso mesmo e terem procurado e encontrado, para fazer frente aos seus adversários, fórmulas suficientemente precisas para salvaguardar a divindade de Cristo, que é a essência de todo o cristianismo. Cada pequena parcela de uma frase tinha em mira afastar uma ameaça de heresia. Cada palavra estava carregada de significado. Quando as lemos, compreendemos bem até que ponto deve ter sido violenta e patética a discussão sobre o “*consubstancial*” nas sessões do Concílio; mas compreendemos também que, embora se tentasse tornar a expressão destas fórmulas tão exata quanto possível, ficasse ainda aberto um campo para interpretações perigosas²⁰.

(20) As dificuldades aumentavam em vista da obrigação que havia de traduzir para o latim os termos gregos, dada a falta de precisão que acompanha qualquer tradução. Por exemplo, em latim, *essentia* e *substantia* são pouco mais ou menos palavras sinônimas; em grego, *hipóstase* e *ousia* não o são tanto. Por outro lado, utilizou-se *essentia* para traduzir *hipóstase*, quando, em grego, a palavra designa mais os caracteres próprios de cada Pessoa divina do que a própria essência da divindade.

Não foi preciso muito tempo para percebê-lo. Tão logo os membros do Concílio de Nicéia se dispersaram, três dentre eles, entre os quais Eusébio de Nicomédia, retiraram as suas assinaturas²¹. O caso estava prestes a surgir de novo. Um número bastante considerável de teólogos orientais, mesmo daqueles que eram perfeitamente ortodoxos, não estava longe de pensar que o famoso termo *consustancial* exagerava as relações entre o Pai e o Filho e colocava em posição vantajosa os modalistas e outros sabe-rianos, que não queriam ver no Filho senão uma manifestação, uma “modalidade” do Pai, e não uma Pessoa distinta.

Por outro lado, muito habilmente, os arianos, cujos recursos táticos eram inesgotáveis, pensavam em virar contra os seus adversários um argumento que lhes havia sido oposto a eles. Tinham acusado a sua doutrina de reduzir mais ou menos o cristianismo a um filosofismo em que Jesus era o chefe da escola: homem, homem divino sem dúvida; mas não tinha Platão muitas vezes sido classificado como “divino”? Servindo-se das mesmas armas, diziam eles por sua vez: não é verdade que as definições do Concílio de Nicéia não exprimem, afinal, senão uma teoria filosófica? Lê-se na Sagrada Escritura a palavra *consustancial*? Cristo alguma vez se qualificou assim? Com argumentos dialéticos desta natureza — e o espírito oriental era hábil em forjar inúmeros procedimentos desses —, a discussão não podia considerar-se concluída, mesmo estando de permeio uma decisão conciliar. Juntemos a isto rivalidades pessoais, ódios provocados pelo encontro, face a face, dos principais adversários em Nicéia, rivalidades de clãs, “eusebianos” contra ortodoxos, e compreenderemos que aqueles anos, que deveriam ter sido para a Igreja uma época de grande paz religiosa, tenham sido na realidade um tempo terrível de discórdias.

A pior desgraça foi que o único homem que podia ter sido o esteio firme da ordem ortodoxa, o imperador Constantino, se revelou quase logo a seguir aquilo que era na realidade: uma alma dividida, um caráter exageradamente sensível às influências e que a maior boa vontade do mundo podia arrastar para os mais desastrosos equívocos. Se em questões de política e de moral era capaz de uma firmeza que ia até ao crime — vimos o que sucedeu com Licínio, Crispo e Fausta —, quando penetrava no terreno religioso, onde certamente se sentia pouco senhor de si, tornava-se presa dos mais estranhos complexos. Acossava-o o desejo da verdade, mas nem sempre sabia muito bem onde é que ela se encontrava. Qual-

(21) Por meio de cartas de uma insolência espantosa. É de admirar que Constantino tivesse tolerado esse tom.

quer bispo o dominava, particularmente esse Eusébio de Nicomédia, prelado político, sumamente hábil em lisonjear o orgulho do seu senhor fingindo considerá-lo um árbitro em questões de teologia. Por outro lado, a irmã do imperador, Constança, era ariana, e Constantino, desejoso de se fazer perdoar pela triste necessidade política que o obrigara a torná-la viúva, rodeava-a da maior afeição. Além disso, a velha imperatriz-mãe, Helena, aconselhava o filho a venerar esse São Luciano de Antioquia cujos ensinamentos estavam na origem da heresia. Balançando entre influências contrárias, inquieto e em breve furioso por ver ressurgir a questão da unidade cristã, Constantino chegou a suspeitar tanto dos adversários como dos defensores da ortodoxia, visto que as discussões entre uns e outros perturbavam a ordem do Império e a paz das suas noites.

Os doze anos que separam o Concílio de Nicéia da morte de Constantino foram, pois, assinalados por uma série de marchas e contra-marchas que dificilmente se compreendem, e por um emaranhado de intrigas que só causavam mal-estar. Constantino começou por enfurecer-se contra Eusébio de Nicomédia que, em surdina, estimulava os arianos no Egito, e o prelado intriguista foi mandado para a Gália. Mas regressa pouco tempo depois e, já mais prudente, evita atacar de frente os que eram fiéis ao imperador e inicia um ataque pelos flancos.

Os principais bispos defensores da ortodoxia são, um após outro, insultados, caluniados e desacreditados: Eustáquio de Antioquia, sorrateiramente minado por Eusébio de Cesaréia, é deposto sob pretexto de sabelianismo; Marcelo de Ancira, acusado de ter dito claramente num livro o que todos deviam pensar a respeito dos dois Eusébios, é igualmente varrido. O grupo herético ataca em seguida o mais eminente dos defensores da verdadeira fé, Atanásio, que, ainda jovem, acabava de substituir o bispo Alexandre, que falecera na sede episcopal de Alexandria; depois de peripécias inauditas, de uma campanha de opiniões completamente louca e de um concílio regional realizado em Tiro, no qual, segundo uma testemunha, os "hereges se portaram como feras", Constantino, cedendo a diversas influências, exila Atanásio para Tréveris.

Os arianos triunfam? Assim parece. O Concílio transferido para Jerusalém anistia Ário. O heresiarca volta para Alexandria, mas o seu regresso provoca distúrbios. Sabendo disso, o augusto gendarme irrita-se, vocifera contra o bando ariano, ordena que sejam todos punidos e que se queimem os seus escritos. Depois acalma-se, chama Ário a Constantinopla e, seduzido por ele, pretende obrigar o muito ortodoxo bispo da capital a admitir o herege à comunhão. Ário, que não abjurou nenhum dos seus erros, mais do que nunca "homem de ferro", estava nas vésperas do seu triunfo definitivo quando morreu — e a sua morte pareceu a todos os es-

píritos o golpe de misericórdia vibrado por um anjo; encontraram-no num lugar solitário, banhado no seu próprio sangue, com as vísceras fora do ventre devido à ruptura de uma hérnia. Estavam as coisas neste pé — o Egito agitado, reclamando Atanásio; os prefeitos do imperador ferindo todos os grupos indistintamente; e as almas sinceras perguntando onde é que estava o verdadeiro caminho —, quando Constantino entregou ao Criador a sua alma genial e pueril. Morreu santamente, como vimos, mas rodeado de uma cambada arianófila e batizado pelo suspeito Eusébio de Nicomédia.

Há qualquer coisa de trágico no destino deste cristão que, incontestavelmente, não teve em mira senão a glória de Deus e a paz da Igreja, e que, por orgulho, por incompetência e por fraqueza, acabou por comprometer os resultados do grande ato de 325 e entregou o cristianismo às discórdias das facções. Não foi preciso esperar muito tempo para que se manifestasse o perigo dos “amigos” excessivamente poderosos. Morto Constantino, a intrusão do poder civil na vida da Igreja estará cada vez mais na ordem do dia; é difícil descrever até que ponto essa intromissão seria desastrosa.

Este é o único fato fundamental que se depreende das lutas prodigiosamente confusas que irão continuar quase até o fim do século. Durante cinquenta anos, o “grande assalto da inteligência” lançará vaga sobre vaga contra a fortaleza da ortodoxia. Caracterizando maravilhosamente bem a marcha incoerente e muitas vezes absurda destas lutas, o historiador cristão Sócrates dirá: “Tudo isso se assemelhava a combates no meio da noite”. Um homem de hoje tem dificuldade em adentrar nas inverossímeis complicações destas disputas, em que o nó da discussão era o famoso *iota*. Mas é injusto tachar desdenhosamente essas querelas de “bizantinices” e medir pela mesma bitola os adversários dos dois campos. Os católicos, os defensores da fé ortodoxa, eram obrigados a responder aos hereges no mesmo plano em que se travava a discussão. Através destas lutas confusas, foi bom que se tivesse discernido e preservado o essencial.

O que estas desordens iriam também trazer a lume era o perigo que a associação entre o poder e a Igreja faz correr a esta última, um perigo que surgiu no próprio dia da vitória de Ponte Mílvio. Todos os sucessores de Constantino — mesmo Juliano, o Apóstata, que dizia ser um cético — serão maníacos da teologia, legisladores religiosos improvisados, sempre prontos a pôr a serviço dos dogmas que defendem os meios de coerção do seu Estado. Um deles, Constâncio, exclamará um dia: “Em matéria de fé, a lei sou eu!” — uma fórmula que viria a fazer carreira. É fácil imaginar até onde pode levar o autoritarismo quando se mistura com o fanatismo religioso; basta que esteja no poder um ariano resolutivo, como Va-

lente, para que a perseguição recomece e se assista à opressão de cristãos por outros cristãos, de ortodoxos por hereges, e se desencadeie a primeira guerra religiosa. Menos de um século depois dos últimos mártires, a Igreja de Cristo ver-se-á nessa situação.

Bem gostaríamos de desconhecer esta crise dolorosa, cheia de episódios dramáticos, em que se defrontaram os temperamentos mais impetuosos e em que se assistiu a tristes conluios entre a polícia e o episcopado infiel. Os esbirros lançam-se sobre o santo prelado Atanásio, brutalizam-no de forma odiosa e atiram com ele para uma masmorra, como se fosse um bandido. Um dos imperadores, perante a resistência do papa, que não está inclinado a aceitar uma proposta de tendência ariana, grita-lhe: "Assina! Assina imediatamente, ou vais já para o exílio!". A crápula misturar-se-á assustadoramente com a heresia e certas igrejas do Egito, anexadas por arianos anormais, serão teatro de cenas tão escandalosas que ficaríamos corados se as referíssemos. Nem mesmo faltará o lado cômico nesta história sombria. Para zombarem das decisões do grande Concílio de Nicéia, os hereges resolvem reunir um outro, em outra Nicéia, um miserável povoado perto de Andrinopla, da mesma forma que os traficantes recorrem a falsos certificados de origem.

E que acontecerá com o dogma durante uma tal prova? Será atacado de todas as maneiras, não somente de frente, pelos partidários fanáticos de um arianismo resolutivo, mas por uma legião inteira de semi-arianos, pseudo-arianos, semi-ortodoxos, todos eles astutos manipuladores do famoso *iota*. E os seus defensores terão de bater em retirada, com as muralhas sorrateiramente minadas. O antagonismo latente que começa a manifestar-se entre o Oriente e o Ocidente acentuará as razões da discórdia; no Concílio de Sárdica, em 343, todos os bispos orientais se separarão brutalmente dos do Ocidente e partirão lançando anátemas contra o papa Júlio. As discussões sobre palavras — menos sobre palavras do que sobre letras e vírgulas — cairão numa incrível futilidade²². Os ortodoxos afirmarão: "Cristo não é uma criatura", e logo os não-ortodoxos acrescentarão algumas palavras venenosas: "uma criatura como as outras". *Anomeanos*, *homeousianos* e *homeanos* divertem-se imenso com tais discussões.

Só por milagre a fé não se afunda definitivamente no meio destes raciocínios em que a letra predomina sobre o espírito, e em que voltarão a

(22) Temos como exemplo este fragmento do *Símbolo da Dedicção*, votado em 341, no Concílio de Antioquia: "Cristo é Filho único do Pai — nascido do Pai antes de todos os séculos, Deus de Deus, inteiro do inteiro, único do único, perfeito do perfeito, rei de rei, Senhor de Senhor, Verbo vivo, Sabedoria viva, Luz verdadeira, caminho, verdade, Ressurreição, pastor, porto, sem mudança nem transformação, imagem em nenhum ponto diferente da divindade, da substância, do poder e da glória de Deus". Seriam necessárias tantas palavras para crer em Jesus, Deus vivo?

aparecer os piores defeitos que se censuram aos fariseus e aos doutores judaicos da Lei. E será mais admirável ainda que o dogma possa triunfar das armadilhas estendidas pelo imperador Constâncio, que terão como resultado a rejeição da palavra *consustancial* no Concílio de Rímini, em 359. Chegará um momento em que, repelidos os grandes defensores da fé e ocupadas as sedes episcopais por suspeitos e traidores, e parecendo que o próprio papa Libério vai ceder à corrente do erro²³, se poderá pensar que a heresia consagrará o seu triunfo.

Mas isso não acontecerá. O arianismo desconjuntar-se-á no momento em que estiver prestes a vencer. A partir de 361, data em que morre Constâncio, produzir-se-á a reação. E essa reação avançará velozmente para o Ocidente, onde a nomeação de Santo Ambrósio como bispo de Milão porá termo ao terror ariano. No Oriente, as coisas não irão tão depressa, visto que o imperador Valente, herege, protegerá os rebeldes. Quando o papa Dâmaso fizer declarações doutrinaárias, em 377, encerrando definitivamente a questão ariana, o Oriente submeter-se-á no seu conjunto; pouco depois, um novo soldado, Teodósio (379), retomando com mais firmeza a obra de Constantino, imporá definitivamente a doutrina de Nicéia no Concílio de Constantinopla (381).

Grandes defensores do dogma: Santo Atanásio e Santo Hilário

Se a Igreja pôde sobreviver a semelhante prova, e se conseguiu sair dela não somente intacta, mas até fortalecida, esse fato se deveu a uma plêiade de homens eminentes que ela teve a felicidade de encontrar ao seu lado. Bem mais do que as miseráveis querelas em que a heresia se ia desagregando, merecem a nossa atenção essas figuras inteiramente votadas a Deus, apaixonadamente fiéis à verdadeira fé, firmes como rochas em posições que nem a intriga, nem as ameaças, nem o exílio, nem a prisão puderam abalar. Entre elas, há duas que se situam na primeira fila: Santo Atanásio e Santo Hilário de Poitiers.

Atanásio é, na verdade, uma personalidade grandiosa e terrível, um santo que domina toda a história religiosa do Egito — e quase da cristandade inteira — durante estes anos conturbados. Dotado de uma inteligência extraordinariamente penetrante, acostumado a todas as sutilezas do es-

(23) Correrá o boato de que o velho Ósio de Córdoba, o heróico protagonista do dogma de Nicéia, tinha cedido à heresia. Mas o documento em que se faz essa afirmação parece ser falso e forjado pelos arianos.

pírito oriental, mas sabendo desmascarar as falsas aparências e evitar as armadilhas graças a um bom senso positivo que não o deixava cair em qualquer logro, tinha um caráter de maravilhosa têmpera, do mesmo aço com que Deus fizera os seus Apóstolos e os seus mártires, ao mesmo tempo maleável e forte, reto na suas intenções e hábil nas suas manobras. De alma profundamente religiosa, encarnava o tipo desses grandes místicos para quem a ação é o efeito e o prolongamento da oração e que, no meio das piores lutas, nunca se esquecem de que pertencem a Deus. Chegou-se a dizer que lhe faltava equilíbrio, que se tornava odioso pelo seu fanatismo e que estava sempre pronto a provocar à sua volta a violência e a discussão, mas semelhante afirmação não passa de uma calúnia dos seus adversários. Sem dúvida, não se podiam esperar delicadezas num tempo em que se punha em tela de juízo tudo quanto a alma cristã acalentava e em que a Igreja travava uma batalha de vida ou morte. Se se citam muitas vezes as palavras de Santo Epifânio: “Ele persuadia, exortava, mas, se lhe resistiam, usava de violência”, é necessário que nos lembremos também destas outras palavras, tão repassadas de verdadeira caridade cristã, escritas pelo próprio Santo Atanásio: “O que é próprio da religião não é obrigar, mas convencer”.

Vimo-lo, quando era ainda um simples diácono, mostrar-se zeloso entre aqueles que rodeavam o bispo Alexandre e exercer já uma profunda influência. Encontramo-lo depois no Concílio de Nicéia, trabalhando nos bastidores, agindo secretamente, mas de uma maneira tão decisiva que — dizem as testemunhas — choveram sobre ele as inimizades. Em 328, quando morre o velho prelado que tinha sido o seu guia, a voz popular arrasta-o para a sede episcopal. “É um homem firme! É uma fortaleza, um verdadeiro cristão, um asceta, um verdadeiro bispo!” Pensa em recusar um cargo cujo peso já calculava antecipadamente, mas cede a uma exigência que reconhece ser sobrenatural. Tinha trinta anos quando foi sagrado bispo, e continuará a sê-lo até à morte, isto é, durante outros quarenta e cinco.

Que episcopado! Terá havido outro tão agitado em toda a história do cristianismo? As dificuldades começaram no dia seguinte ao da sagração. Todos aqueles que ele tinha combatido enquanto fora conselheiro de Alexandre unem-se agora contra o jovem bispo: os cismáticos melecianos e os arianos impenitentes. Na corte imperial, todos os partidários de Eusébio vêem com maus olhos como prospera no Egito o poder da ortodoxia, e em diversas dioceses há bispos que julgam que a sede episcopal de Alexandria se está tornando incômoda.

Estes rancores culminam no escandaloso Concílio de Tiro, em 335, no qual os eusebianos e os melecianos estenderam as suas armadilhas a Ataná-

sio. Mas as acusações viram-se contra eles e os afundam no ridículo. Acusam-no de ter mandado matar um cismático, e este aparece vivo no momento preciso; acusam-no depois de impudícia e incontinência, mas a meretriz comprada que apresentam não o reconhece e, mais ainda, engana-se e aponta para outro bispo denunciando-o como culpado de manter relações com ela. A decisão, porém, tinha sido tomada antecipadamente, e Atanásio é deposto. Corre a Constantinopla, menos para defender a sua causa junto do imperador do que para denunciar as intrigas arianas; mas, pouco informado sobre os métodos da corte, é considerado por Constantino como um agitador, bom apenas para perturbar a unidade, e recebe ordem de partir para Tréveris. É o primeiro exílio, a que se seguirão outros quatro.

Aquilo que Atanásio ousou dizer a Constantino, heróica e obstinadamente, há de repeti-lo aos filhos deste. Sem nunca se cansar, há de estigmatizar o erro e a heresia, sejam quais forem as novas formas que assumam e as metamorfoses por que passem. Chamado do exílio em 337, atacado de novo e obrigado a refugiar-se em Roma, enquanto um herege se empoleira na sua sede, luta sempre, de concílio em concílio, com uma energia terrível. Para ele, não há dificuldades nem preocupações. “São nuvens que passam”, dizia sorrindo. Instalado na Gália, na Itália do Norte ou no Reno, continua a ser o porta-voz de Deus que sempre foi, e aproveita o novo exílio para tornar conhecida no Ocidente a instituição monacal que o Egito acabava de ver nascer. Em 346, pôde finalmente voltar a Alexandria e, durante dez anos, desfrutou de uma certa calma, o que lhe permitiu estabelecer um vasto relacionamento com mais de quatrocentos bispos fiéis ao dogma de Nicéia e escrever as suas obras doutrinárias mais importantes.

No pior momento da confusão ariana, os seus inimigos atacam-no mais uma vez. O próprio papa Libério, ameaçado, parece hesitar, e o imperador Constâncio impõe pela força aos Concílios de Arles (353) e de Milão (355) uma nova condenação de Atanásio. Mais uma vez o santo foge e esconde-se no deserto, justamente a tempo de ali recolher o último suspiro do seu velho amigo Antão, o grande eremita da Tebaida. Durante seis anos, acossado pelos esbirros do imperador, continua a dirigir de longe a sua Igreja, tornando-se assim “o patriarca invisível”. Os seus escritos polémicos, em que o arianismo e seus sub-produtos são atacados sem piedade, circulam por toda a parte. Quando Constâncio morreu, pôde finalmente regressar a Alexandria e o concílio que ali reuniu (362) marca o seu triunfo; encontram-se lá todos os confessores da fé, que proclamam a sua adesão irredutível ao dogma de Nicéia, ao Filho igual ao Pai. Apesar de (dois) outros dois curtos exílios, continuou a desempenhar até a última hora

este papel de baluarte da verdade. Quando morreu, em 373, era certamente o homem mais célebre, a autoridade mais notável de toda a Igreja.

Desta vida tão profundamente empenhada na ação, seria vão reter apenas o lado movimentado e pitoresco. Padre da Igreja, Santo Atanásio encontrou maneira de, através de uma existência tão agitada, legar-nos uma imensa obra literária, não só polêmica, destinada a pulverizar a heresia, mas também dogmática, como os discursos *Contra os gregos* e sobre a *Encarnação do Verbo*, e exegetica, como a *Exposição e comentário dos Salmos*, ou ainda moral, como o admirável tratado *Da virgindade*, ou mesmo histórica, como a sua *Vida de Santo Antão*, primeiro tratado sobre a existência monástica. Uma atividade tão prodigiosa deixa-nos espantados e enche-nos de admiração.

Mas, quando a julgamos dentro das perspectivas da história, despertamos uma admiração muito maior a intuição genial que Santo Atanásio teve dos verdadeiros problemas suscitados pelas realidades que estavam em jogo. No meio do turbilhão ou do caos das discussões, ele viu perfeitamente que dois fatos eram primordiais.

Recusando-se a ser um teólogo especulativo, um fabricante de sistemas como havia tantos, aferra-se à realidade da Encarnação e define o dogma com clareza. "Nem análise requintada nem terminologia erudita, afirma d'Alès, mas uma explanação ampla e popular, tornando acessível a todos a revelação da Trindade". O seu raciocínio é muito simples: Cristo veio para nos salvar, para que nos tornássemos "como Deus"; como é que nos divinizaria, se Ele mesmo não fosse Deus? "Quem não possui alguma coisa senão por reflexo ou por empréstimo, nada pode dar aos outros". Se Cristo nos dá a divindade, é porque Ele a tem. Quem não compreenderia semelhante linguagem? Em resumo: aquilo que os teólogos muito sutis cercavam de brumas e de abstrações, Santo Atanásio, homem de um punhado de idéias simples, constantemente repetidas e plenamente vividas, mostra-o como o pão de cada dia de todo o cristão. O dogma da Encarnação, base da Redenção, bem como a certeza do Pai igual ao Filho, já não são definições ou frios enunciados: são realidades vivas e cálidas da alma. "O Verbo se fez homem para nos tornar divinos", repete ele sem cessar. É desta afirmação que o cristianismo viverá de século em século e é dela que se tem nutrido até os nossos dias.

A outra intuição de Santo Atanásio não foi menos decisiva. Percebeu perfeitamente o perigo que representava para a Igreja a intervenção indiscreta dos seus novos protetores. E opôs-se a ela com todas as suas forças. Antes de todos esses grandes chefes cristãos que, no decorrer dos tempos, hão de resistir à influência do poder público, é ele quem ousará afirmar, perante os todo-poderosos Césares de Bizâncio, a independência do cristia-

nismo. “Não é permitido — gritou ele no Concílio de Milão — misturar o poder imperial com o governo da Igreja”. E acrescentou depois, na sua linguagem rude, que submeter-se ao poder seria proceder como os “eunucos”. Tal atitude viria a ser decisiva e havia de ser imitada. O futuro se encarregaria de lhe dar razão.

Assim era Atanásio, eminente defensor da fé e da liberdade em Cristo. Com toda a justiça, a Igreja soube prestar-lhe homenagem. Foi o primeiro dos bispos não martirizados elevado aos altares e é um dos seus “grandes doutores”.

Quanto a *Santo Hilário de Poitiers*, é costume dizer que foi “o Atanásio do Ocidente”. É uma afirmação que caracteriza bem o seu papel, mas sobretudo uma forma de sublinhar que as bases do seu pensamento são as mesmas do grande doutor de Alexandria. Como ele, o santo da Gália é movido por um amor ardente, apaixonado, para com Cristo feito homem, o Verbo encarnado. No seu livro fundamental, *Da Trindade*, faz uso de termos tão comoventes que chegamos a distinguir, com sete séculos de antecipação, as idéias mestras de um São Bernardo. É esta realidade viva de Cristo, alicerce da verdadeira fé, que ele também se empenhou em defender e pela qual também sofreu sem se abalar a provação, a injúria e o exílio.

A sua vida, no entanto, nem de longe foi tão movimentada como a do egípcio. Em primeiro lugar, porque o seu caráter era menos abrupto, menos polêmico: nas suas relações com os semi-hereses, tentou muitas vezes reconduzi-los suavemente ao seio da Igreja, ao invés de combatê-los; em segundo lugar, porque o Ocidente era infinitamente menos agitado por questões e paixões teológicas do que o febril Oriente. No entanto, a sua vida decorreu de tal forma que este homem de grande fé pôde prestar a Deus o seu testemunho com uma intrepidez que quase igualou a do seu êmulo.

Nasceu em 315, em Poitiers, de uma família rica e possivelmente pagã, que lhe deu uma sólida cultura civil. Quando era ainda um adolescente — é ele mesmo quem o conta —, encontrou, entre as vorazes leituras que fazem as delícias da adolescência, um exemplar do Evangelho segundo São João. O prólogo alvoroçou-o. Como rapaz habituado às coisas do espírito, moeu e remoeu durante muito tempo aquela pequena e famosa frase: “O Verbo se fez carne e habitou entre nós”. Foi o meio de que Deus se serviu para ganhar esta alma. Uns anos mais tarde, já casado e com uma filha, Hilário batizou-se e pouco depois pedia para receber as ordens sagradas. Em 354 é já bispo da sua cidade natal, a tal ponto o seu caráter, a sua fé e a sua inteligência se tinham imposto nos meios cristãos.

Estava-se então no mais aceso das batalhas arianas e a heresia parecia prestes a triunfar. Hilário está na primeira linha de ataque. Em 355, provoca em Paris a reunião de um sínodo em que o arianismo é rejeitado. O defensor da seita na Gália, um tal Saturnino de Arles, riposta com um contra-sínodo que se realiza em Béziers. Hilário, que comparece e se levanta contra o erro com toda a sua estatura moral, atrai sobre si a cólera do César arianófilo Constâncio, e é expedido para a outra extremidade do Império (a polícia, como se vê, era fiel aos seus métodos), fixando residência na Frígia. Proveitosa estadia! Enquanto dirige a sua diocese por meio de cartas, estuda a fundo a teologia oriental, que o Ocidente conhece pouco, e o seu livro sobre a Trindade reflete felizmente esse estudo. É nesta ocasião que tenta reconduzir ao catolicismo os *homeousianos*, que são os mais moderados dos hereges arianos.

O seu prestígio em todo o Oriente cristão torna-se tão grande que o imperador julga conveniente reenviá-lo para a Gália; é uma medida de clemência que, no entanto, de forma alguma impede Hilário de disparar contra o amigo dos hereges um terrível panfleto que correrá à socapa por toda a parte. Tendo regressado a Poitiers, retoma a luta: em Paris, onde o Concílio de 360 serve de prelúdio à obra do Concílio de Alexandria que Santo Atanásio iria reunir; e na Itália, onde todos os arianos têm tal medo do seu regresso que se unem para expulsá-lo. Ao mesmo tempo, procura difundir na Gália o ideal monástico; multiplica as visitas a igrejas e escreve tratados dogmáticos, comentários sobre o Livro de Jó, sobre os Salmos, sobre São Mateus, bem como o *Tratado dos mistérios*, em que estuda as figuras proféticas do Antigo Testamento. Desenvolveu, como Santo Atanásio, uma atividade gigantesca.

Quando morreu, toda a Gália o considerou santo e numerosas povoações passaram a ter o seu nome. São Martinho considerá-lo seu discípulo. E sempre se repetirão, nos conventos e nas igrejas, os belos hinos que ele compôs à moda do Oriente²⁴.

(24) Citamos particularmente, como grandes defensores da fé ortodoxa, dois santos de primeira grandeza — Santo Atanásio e Santo Hilário — porque as suas personalidades têm o valor de um símbolo. Mas, por um dever de equidade absoluta, teríamos de citar ainda muitos outros. Assim, temos no Oriente Santo Alexandre, que foi o bispo de Atanásio e de quem possuímos duas Epístolas, uma das quais é uma refutação em regra do arianismo; Santo Eustáquio de Antioquia, que foi um dos mais corajosos adversários e depois vítima de Eusébio de Nicomédia; Marcelo de Ancira, que teve o mesmo destino, e ainda Santo Efrém, cristão da Mesopotâmia, grande contemplativo e místico, pensador poderoso que deu início à literatura síria. No Ocidente, além de Osio de Córdoba, cuja importância já vimos, temos Lúcifer de Cagliari, violento, veemente e ardoroso combatente da ortodoxia; Vitorino, retórico africano, que tentou opor ao arianismo argumentos filosóficos mais ou menos platonizantes; e São Zenão, bispo de Verona, que ainda hoje é ali venerado. Se a heresia teve personalidades variadas, a ortodoxia teve-as ainda mais; a Igreja combateu em todas as frentes e de todas as maneiras.

Defendida por homens desse porte, a ortodoxia acabou por triunfar. E triunfou porque o arianismo atingia frontalmente a verdade profunda do cristianismo e as aspirações mais íntimas da alma fiel, que não se conformava com ver Jesus colocado num simples plano humano. Posta de lado como religião de Estado, a heresia sobreviverá muito modestamente, durante um ou dois séculos, na Alta Itália, na Ilíria e nas províncias do Danúbio, para depois se perder nas areias. E a corrente intelectual nascida do sacerdote de Alexandria não passará de tênue veio subterrâneo, bom apenas para alimentar, de tempos em tempos, alguma tese crítica hostil a Cristo e para reaparecer, nos nossos dias, em certos setores do protestantismo liberal ou nas estepes áridas de um Guignebert. Mas, se esta grave doença terminou por uma cura completa, não é menos verdade que deixou duas seqüelas, ambas muito importantes para o futuro.

No decorrer do conflito, uma parte do episcopado, especialmente certos elementos políticos, tinha concordado em aceitar o imperador como chefe religioso. Bizâncio, capital política, tendia assim a tornar-se também a capital religiosa, de onde partiam as ordens e de onde dimanava a verdade. O Concílio de Constantinopla, em 381, decretaria que "o bispo de Constantinopla tem o primado de honra depois do bispo de Roma, porque Constantinopla é a nova Roma". Isto queria dizer, em termos claros, que Bizâncio não reconhecia a Roma senão uma precedência, um simples privilégio de antigüidade; e, além disso, que esta antigüidade era reconhecida à Cidade Eterna, não porque ela fosse a sede de Pedro, mas porque fora a dos primeiros Césares.

Ora, estas concepções eram bastante inquietantes. Ao tornar-se de fato a capital do Império, pretendia Bizâncio assumir também o papel de capital religiosa? Roma, que se mantivera tão firme ao lado de Nicéia, que contava tantos papas notáveis, nunca se sujeitaria a semelhante esbulo. Existia portanto, pelo menos virtualmente, um antagonismo que os fatos se encarregariam de mostrar. No século V, veremos Bizâncio aumentar de importância quando o "sínodo permanente", com sede junto do imperador, se arvorar em teólogo supremo, canonista infalível, conselho superior das dignidades e promoções eclesiásticas. É o bizantinismo que nasce da crise ariana, com a sua pretensão de situar o patriarca de Constantinopla no mesmo nível do papa, e o imperador acima de todas as hierarquias religiosas. Prepara-se a partir de agora o cisma grego do século IX, que já estava em germe desde a fundação de Constantinopla.

A outra conseqüência da crise ariana não devia esperar quinhentos anos para se manifestar: a conversão dos bárbaros ao cristianismo herético.

Todos esses povos estabelecidos ao longo da fronteira que ia do Mar Negro às embocaduras do Reno — godos de todas as variedades, ostrogodos e visigodos, alanos, gépidas e suevos, francos e alamanos da Germânia, lombardos e burgúndios — mantinham numerosas relações com o Império, principalmente por intermédio dos seus irmãos e primos, que já se haviam fixado em massa em muitas províncias. Entre os germanos já havia conversões ao cristianismo desde o século III. Os godos da Rússia do Sul tinham já igrejas nos começos do século IV, visto que um bispo da Gótia tomara parte no Concílio de Nicéia. No Danúbio, o cristianismo estendera-se graças aos prisioneiros que regressavam ao seu país.

A Igreja começava, pois, a penetrar nessas regiões bárbaras, bem como a ganhar as tribos instaladas no Império, quando apareceu *Úlfila*. Nascido por volta do ano 311, entre os godos cristianizados, tendo sangue romano e germano nas veias, era um homem de grande inteligência, espírito preciso e aberto, e imbuído das três culturas — grega, latina e germana. Leitor da sua igreja, enviado em missão ao Concílio de Antioquia de 341, foi ali apanhado nas malhas sutis de Eusébio de Nicomédia, que fez dele um bispo — um bispo ariano. Quando regressou, levava consigo os germes heréticos.

Tendo organizado um alfabeto novo, traduziu para o gótico os livros santos e dedicou-lhes imensos comentários. Fundou-se, portanto, uma igreja nacional dos godos sob a sua direção. Compreendendo perfeitamente o que podia convir à mentalidade simplista dos bárbaros, aplicou-se a esquematizar o cristianismo, eliminando-lhe toda a dogmática complicada e acentuando tudo quanto pudesse ser fonte de energia e força. Um clero pouco culto, mas de fé robusta, presidia a cerimônias noturnas, ao ar livre, sob o clarão de tochas. A hierarquia das três Pessoas divinas surgiu aos olhos destes excelentes guerreiros como um prolongamento celeste das hierarquias militares. E o triunfo deste cristianismo tão particular foi fulminante entre todos os bárbaros.

Duas conseqüências hão de derivar desta conversão dos bárbaros ao arianismo. Quando o Império se tornar inteiramente católico, no tempo de Teodósio, a diferença de religião entre ele e os seus súditos germanos, domiciliados nas suas fronteiras, determinará um profundo antagonismo. Um Império que se tivesse conservado ariano teria talvez podido absorver os godos arianos; um Império católico teria incorporado a si godos que continuassem católicos; mas, entre um Império católico e germanos arianos, a oposição religiosa vem juntar os seus motivos de ódio àqueles que já por si resultam dos apetites elementares. Porém, ao mesmo tempo, quando se derem as grandes invasões, quando visigodos, burgúndios, ostrogodos, lombardos e vândalos se instalarem no Império, será a Igreja católica que

encarnará a resistência a estes novos senhores, a estes invasores instalados em terras latinas e cujo pseudocristianismo os levará a isolar-se no orgulho e no desprezo pelos vencidos. E chegará um dia em que, apoiando com todas as suas forças uma outra horda germana — que passará do paganismo para a verdadeira fé —, a Igreja se servirá de Clóvis e dos seus francos para abater as altivas realidades arianas. E então Vouillé* completará Nicéia.

O maniqueísmo, peste vinda do Oriente

O arianismo saíra do cristianismo: era um filho rebelde, sem dúvida, mas era filho. Se os seus dogmas eram errôneos, havia nele certos atos de fidelidade e certos princípios que um cristão fiel não podia condenar. Contudo, na mesma ocasião em que a heresia ariana lançava sobre a ortodoxia o seu “grande assalto”, desencadeava-se contra esta um outro ataque igualmente terrível, mas de uma natureza e direção inteiramente diferentes. Desta vez, não se tratava de um calamitoso desvio da verdade evangélica, e a palavra heresia não poderia, na verdade, ser-lhe aplicada. A ofensiva vinha de fora, da Ásia, mas tão bem dirigida que encontrou cumplidões nas profundezas da alma, lá onde se agitam as forças tenebrosas que já tinham feito surgir tantas heresias indiscutíveis.

Manes, o seu autor, vivera no século III. Nascera na Pérsia por volta do ano 215, naquele império sassânida que, tendo-se estendido desde as imediações da Síria até às da Índia, desempenhava o papel de uma encruzilhada de idéias e de civilização. Notavelmente dotado, em certo sentido até genial, expressando-se tão bem em sírio como em pélvi e dominando mais ou menos todas as línguas do Império persa, Manes mostrara desde a juventude um enorme apetite por alimentos espirituais. Seu pai, segundo parece, pertencia à seita judaico-cristã dos helxassaítas²⁵, que professavam, no meio de uma confusão generalizada entre os dogmas mais estranhos, uma espécie de dualismo em que o fogo era o símbolo da condenação e a água o da salvação. Quando contava vinte e quatro anos — dizem os seus adeptos —, recebeu de Deus revelações especiais e afirmava ter sido encarregado de dar aos homens a religião definitiva, aquela que ultrapassaria e suplantaria todas as outras, unindo-as todas num único conhecimento inefável. Empreendeu então viagens imensas e visitou a Índia, a

(*) Batalha travada em 507 entre o rei franco Clóvis, cristão, e os visigodos arianos chefiados por Alarico II, que assegurou o predomínio franco no Ocidente. (N. do T.)

(25) Chamados também alexeítas. Cfr. cap. I, par. *O fim de Jerusalém*.

China, o Turquestão, o Tibete, escutando em toda a parte o ensino religioso dos sábios e sugando-lhes o mel.

A sua doutrina constituía, portanto, um sincretismo infinitamente mais vasto e mais sutil que todos aqueles que o mundo greco-romano tinha ensaiado. Podiam-se encontrar nela elementos cristãos, na maior parte heréticos, provenientes do cristianismo judaico da sua juventude e das influências marcionitas que se faziam sentir na Mesopotâmia; uma forte dose de gnosticismo, do gnosticismo sírio-cristão de Saturnino e de Cerdão, pelo qual se aproximava da filosofia grega²⁶; e, extraída do budismo, ou antes da tradição pan-indiana, a doutrina da transmigração das almas e um sentido da natureza que ornava as suas teorias com uma poesia por vezes singular²⁷. E tudo isso tinha como infra-estrutura o antigo dogma dualista iraniano, tal como Zoroastro o apresentara mil anos antes — o dogma da oposição entre o “deus do bem” e o “deus do mal”, entre Hormuz e Ahriman.

Este conjunto, à primeira vista heteróclito, tinha sido harmonizado e exposto por um talento de primeira ordem, altamente dotado para a síntese. Existia uma espécie de bíblia maniqueia, cujos elementos principais eram o *Châpurhaghân* (tratado do rei Chapur ou Sapor), o *evangelho*, o *tesouro*, os *preceitos* e o *livro do fundamento*, que Santo Agostinho viria a refutar. Manes, que era tão excelente pintor como escritor e calígrafo, esmerava-se na apresentação dos seus textos, enriquecendo-os com essas iluminuras deliciosas que a arte persa nos legou “a fim de que — dizia ele — completassem assim o ensino entre pessoas instruídas e o suprissem entre as outras”. Este homem compreendia as vantagens das ilustrações. Os discípulos, trabalhando às ordens dele, multiplicavam igualmente os exemplares das suas obras, e muitos tradutores as vertiam para o grego, o latim, o chinês, o turco e o árabe, adaptando habilmente as teses do mestre às exigências locais do apostolado.

Tal como a podemos reconstituir por fragmentos que chegaram até nós e por refutações como as de Santo Agostinho, a doutrina de Manes era essencialmente uma tentativa de penetrar nos mistérios metafísicos em que a razão humana descobre insondáveis oposições. O que os maniqueus pretendiam elucidar era a coexistência do bem e do mal, do eterno e do transitório, do perfeito e do imperfeito, do espírito e da matéria, o velho enigma contra o qual o homem se choca desde que começou a refletir.

(26) Sobre Marcião e sobre os gnósticos, cfr. par. *Lutas teológicas e dramas temporais*.

(27) “As flores — dizia Manes — nascem quando a semente dos anjos toca a terra. São gotas da luz divina espalhadas entre nós. Quanto mais a flor for brilhante e mais polposos o fruto, mais rica é neles a substância divina original”.

Sob este aspecto, a sua intenção era vizinha à do gnosticismo. E a resposta simplista que tinha sido a de numerosos hereges — de um Marcião, por exemplo —, afirmando a existência de dois deuses inimigos, encontrava-se apoiada na venerável teologia do Irã.

Desde toda a eternidade há, portanto, duas divindades, dois princípios decididamente adversos. Quer lhes chamemos bem e mal, luz e trevas ou Deus e diabo, estamos sempre formulando o mesmo antagonismo. A história do mundo resume-se na luta terrível desencadeada pelo deus do mal, pelo poder das trevas, para invadir o reino da claridade. O lugar deste combate é a criação inteira; esta não é mais do que uma inextrincável mistura de bem e de mal, de luz e de trevas, num conflito perpétuo. O próprio homem é divino e luminoso pela alma, mas pelo corpo é opaco e inclinado ao mal. A história de Adão e Eva é um episódio da luta entre o bem e o mal, pois o homem tem o desejo de obedecer a Deus, enquanto a mulher impura encarna a tentação. Toda esta dogmática é acompanhada de uma mitologia incoerente, em que desfilam “filhas das trevas”, germes seminais caídos dos abismos celestes, abortos rastejando pelas entranhas da terra, e se arma um aparato científico que bem podia causar sensação no seu tempo, uma mistura de astrologia e esoterismo, isto é, espiritismo, e em que o panteísmo hindu não deixava de ter a sua parte.

A moral maniqueísta é a consequência lógica das afirmações dos seus princípios. Todas as religiões anteriores, por não terem discernido a dualidade dos princípios, não tinham podido fixar regras absolutas de conduta e assim, o homem debatia-se entre o bem e o mal. Com Manes, tudo se simplifica. Como diziam já os antigos sacerdotes da Pérsia, é preciso ajudar o bem contra o mal, isto é, repelir tudo o que seja material diabólico, e evitar ofender a parte luminosa, divina, que está no mundo. O cânon moral resume-se no preceito dos três “selos” que o homem virtuoso deve apor sobre a mão, os lábios e o seio; pelo selo da mão, será impedido de ferir a vida, de matar, de guerrear; pelo selo da boca, será obrigado a dizer a verdade e a nunca comer carne nem alimentos impuros²⁸; e pelo selo do seio, tornará impossível a obra da carne, que cria a matéria e prolonga a existência da vida corrupta. Quando todo o universo tiver obedecido à lei dos três selos, quando, de existência em existência, os homens se tiverem tornado puros, o deus do bem e da luz triunfará, e chegará então o fim do mundo, no meio de uma prodigiosa incandescência.

À primeira vista, parece bem difícil que Cristo pudesse encontrar o seu

(28) Mesmo alguns vegetais eram considerados impuros, como por exemplo o figo, por causa da sua forma reputada obscena.

lugar no meio de todo este conjunto. No entanto, Manes conseguiu integrá-lo no seu sistema e proclamava-o Deus. Via nele um mensageiro da luz, uma força divina enviada pelo Poder perfeito para travar o combate contra o mal. Esta luz encarnara-se pela primeira vez no homem primitivo, Adão; pela segunda, em Jesus; e manifestar-se-ia pela última no grande julgamento do fim do mundo. Nem é preciso dizer que, se os maniqueus admiravam os ensinamentos de Jesus, impregnados de luz, não viam na sua encarnação, na sua vida e na sua morte senão aparências enganadoras, e rejeitavam três quartos do Evangelho, bem como todo o Antigo Testamento, onde Javé lhes parecia um deus tenebroso.

Como é natural, a moral maniqueísta, com as exigências extremas que estabelecia, não tinha a pretensão de arregimentar todos os homens. A lei do tríplice selo não era posta em prática senão pelos “puros”, casta superior, seita ascética que, pelo seu modo de vida, não deixava de lembrar os essênios. Quanto ao resto dos fiéis, os “ouvintes”, beneficiavam de tolerâncias que podiam ir muito longe: depois de se declarar má em si a vida carnal, que importância teria que o homem comum, irremediavelmente submetido a ela, avançasse mais ou menos no pecado?

Por último, Manes tivera a habilidade de dar a todo este conjunto doutrinário um quadro institucional muito sólido, copiado do cristianismo. A exemplo de Jesus, tinha tido doze apóstolos, cujos sucessores, os “mestres”, deviam dirigir a igreja maniqueísta, comandando os “setenta e dois bispos” e toda a hierarquia de padres e diáconos. Do cristianismo, o maniqueísmo conservava dois sacramentos — o batismo e a eucaristia —, que, aliás, não sabemos como eram administrados; tinha ainda um terceiro, que se assemelhava à penitência e à unção dos enfermos, e que era uma espécie de perdão dos pecados na hora da morte. Quanto aos ritos, eram extremamente simples e reduziam-se a orações, cantos litúrgicos e cerimônias ao ar livre, principalmente uma festa na primavera que, depois da morte de Manes, foi consagrada ao aniversário do seu falecimento.

O êxito desta religião foi enorme, por várias razões. Em primeiro lugar, não há dúvida de que a sua metafísica vinha dar certas satisfações ao espírito humano, pois o velho dualismo constituía um sistema simplista, mas de uma lógica impressionante. Por outro lado, nos meios cristãos, recolhia a herança, não somente do gnosticismo, cuja influência tinha sido tão profunda durante o século II, mas também de um grande número de heresias, como por exemplo o marcionismo, o montanismo — com as suas terríveis exigências morais — e o docetismo, que se recusava a ver na Encarnação mais do que um simulacro. Manes, na sua tentativa sincretista, tinha sido hábil, tão hábil que os seus dogmas se espalharam nas duas direções, tanto para leste como para oeste, na direção da Ásia como

do Mediterrâneo. Tinha apontado alto; pensara certamente em criar uma religião universalista, que fosse o traço de união entre o cristianismo e o zoroastrismo, entre o mundo romano e o persa — um laço espiritual entre “as duas metades do cérebro humano”, como Kipling chama ao Oriente e ao Ocidente. A tentativa era grandiosa, mas não foi bem sucedida.

Mesmo na Pérsia, seu país de origem, o maniqueísmo logo foi combatido. O rei Sapor II, que — segundo parece — a princípio tinha protegido o profeta, mudou de opinião, sem dúvida por pressão do clero zoroastriano, que se sentia ferido por muitos dos dogmas de Manes e se encontrava em vias de ser suplantado pelo novo clero. Depois da morte de Sapor, Manes foi preso e julgado como herege; não se sabe ao certo se morreu na prisão ou se, como quer a tradição, foi crucificado e esfolado, para que a sua pele servisse de adorno num templo iraniano (270).

O maniqueísmo penetrou no Império Romano a partir de meados do século III, e logo alcançou adeptos entre os intelectuais ansiosos, sempre em busca de respostas e de fórmulas, aos quais as suas aparências científicas seduziam, e entre as mulheres orientalistas, sempre à procura de alimento para as suas imaginações sensíveis. Em 290, as seitas maniqueias deviam ser já importantes em Roma, visto que Diocleciano se enfureceu contra elas, fulminou os seus “abomináveis escritos” e mandou queimar os chefes das respectivas comunidades. É impressionante verificar que, em todos os países onde se manifestou, a corrente maniqueísta em breve obrigou os poderes públicos a tomar posição contra ela. Com efeito, à parte certos exemplos de elevadas virtudes que nele se puderam observar, o maniqueísmo surgia como uma espécie de anarquismo espiritual, próprio para desagregar os mais sólidos princípios da ética e da vida. Como poderia uma sociedade acomodar-se a uma doutrina que, colocando a moral num nível tão alto de exigências, acabava por abandonar o comum dos mortais a todas as paixões e que, definindo o pecado como um elemento exterior ao homem, ligado à matéria, justificava em última análise a irresponsabilidade? Como poderia essa sociedade sobreviver ao triunfo de dogmas que proclamavam igualmente abomináveis o ato de matar e o ato de procriar? O maniqueísmo era, no fim das contas, uma doença infecciosa da consciência, uma peste que impelia a uma opção contra a carne e que tornava impossível toda a vida.

O maniqueísmo encontrou por toda a parte obstáculos terríveis à sua expansão; por toda a parte foi recusado e perseguido como heresia. A Índia, depois de algumas tentativas de penetração, desembarçou-se dele. Foi igualmente expulso da China. Os turcos uígures, estabelecidos na Mongólia, fizeram dele uma verdadeira religião de Estado, fortemente impregnada de magia, mas quando os quirguizes se apoderaram do país, no sé-

culo IX, estes severos muçulmanos eliminaram o dualismo maniqueísta, que apenas sobreviveu em regiões afastadas, no Turfã por exemplo, onde se descobriram traduções mongólicas dos seus escritos.

A Igreja viu-se a braços com este novo perigo a partir do último quartel do século III e a ameaça tornou-se séria no século IV. Os "bispos" e profetas maniqueus tinham uma atividade e um zelo que quase se podiam comparar aos dos missionários cristãos. Servindo-se de termos equívocos, os propagandistas da doutrina podiam apresentar-se como cristãos de um tipo particular, que traziam complementos preciosos à antiga mensagem evangélica. Osroene, a Síria, a Palestina, o Egito e depois a África e a Gália receberam a visita desses propagandistas, e o papa Milcíades indignou-se quando encontrou maniqueus em Roma. No mesmo período, assinala-se a sua presença na Ásia Menor e na Capadócia. Atacado por filósofos pagãos como Plotino, Porfírio e outros, o maniqueísmo foi refutado também por pensadores cristãos como Santo Efrém, São Cirilo de Jerusalém e Santo Epifânio de Chipre. Mas era preciso que o seu prestígio intelectual fosse grande para que um homem da ténpera de Santo Agostinho fosse seu adepto durante nove anos, antes de se transformar no mais enérgico dos seus adversários. Por volta do ano 370, havia em plena África cristã grupos muito prósperos de maniqueus, que tinham como chefe o hábil e eloquente "bispo" Fausto de Milevo e que se apresentavam como uma seita cristã e faziam uma intensa propaganda. Foi contra eles que o jovem pensador de Hipona empreendeu a sua primeira grande luta; e foi ele quem muito contribuiu para lhes quebrar o ímpeto.

Perseguido por Constantino e pelos seus sucessores, o maniqueísmo não opôs ao catolicismo a mesma resistência que o arianismo, pois nunca teve qualquer apoio dos elementos do poder público. Mas, ao ser perseguida, a doutrina mergulhou em estranhas profundezas e ali ficou, como uma doença microbiana que espera em alguma parte do organismo o momento de se declarar novamente. No século V, o papa São Leão lançará um grito de alarme contra esta invasão sorrateira. No século VII, a Armênia contará alguns envergonhados maniqueus sob o nome de paulicianos, e um pouco mais tarde chamar-lhes-ão bogomilos; na Trácia. Na Idade Média, segundo Raimundo Sacconi, que foi "bispo cátaro" antes de ser dominicano e inquisidor, contavam-se dez igrejas maniqueístas no Oriente, que os imperadores de Bizâncio combatiam em vão. E sabe-se que foi contra o ressurgimento do maniqueísmo na França meridional, sob o nome de cátaros (puros), que se organizou a cruzada dos albigenses (1209-1249), como luta contra uma terrível doença. Ainda hoje é possível encontrar, em certos aspectos da alma moderna, alguns traços da velha tentação dualista, dessa doença insidiosa vinda do Oriente.

A Igreja conseguiu sair vitoriosa dessa longa e múltipla crise do século IV. O donatismo estava prestes a desagregar-se, o arianismo tinha esgotado o seu veneno e, se o maniqueísmo subsistia, a sua ameaça não era tão premente que pusesse em causa a existência da Igreja.

A que deveu o catolicismo, o cristianismo fiel, a sua superioridade? Ao apoio do poder, como pretendem muitos historiadores? Não unicamente, porque, se não podemos desconhecer a ação decisiva de Constantino nas grandes resoluções tomadas em Nicéia, não devemos também esquecer que, no tempo dos seus sucessores, a Igreja se encontrou só perante o poder quase inteiramente conquistado pela heresia e cuja ação foi desastrosa para a fé. As verdadeiras razões da vitória são mais profundas e, se as observarmos bem, descortinaremos melhor os elementos fundamentais dessa grande instituição nascida de Jesus.

O que fez triunfar a Igreja foram as suas qualidades essenciais, a sua sabedoria, o seu sentido de moderação e de justo equilíbrio, a sua simplicidade perante os mais altos mistérios e o seu realismo que ela nunca pôs de parte. Em face do donatismo, cujas exigências excessivas teriam feito da religião um fanatismo e de cada fiel um adepto da "revolução permanente", a Igreja defende, sem muita nem pouca indulgência, uma posição que leva em conta perfeitamente as fraquezas do homem e a necessidade do perdão. Em face do arianismo e das suas especulações intelectuais, a Igreja está do lado da simplicidade e do bom senso, e exprime a intenção mais profunda da revelação cristã, que é reconhecer Deus, o Verbo encarnado, em Jesus, o Salvador. Em face do maniqueísmo, é ela que defende a carne, miserável e gloriosa, da criatura; os seus princípios são os únicos que tornam possível a vida, a moral e a sociedade. Estas características, que se revelaram tão claramente no decurso destes dias de provação, nunca a Igreja deixou de os testemunhar através dos tempos.

Uma outra razão do seu triunfo provém ainda da própria instituição da Igreja, da sua profunda unidade. O caráter permanente das heresias — a sua maldição histórica — é desagregarem-se em seitas; mal abandona a nau que resiste a todas as tormentas, o espírito humano vê-se sacudido por todas as vagas e sente-se dividido contra si mesmo. No tempo de Santo Agostinho, o partido de Donato estava fragmentado numa porção de pequenos pedaços e o grande cisma africano afundar-se-á por decomposição espontânea. A história do arianismo é a do tumulto entre seitas rivais, as dos anomeanos, homeanos e homeousianos, como já tivemos ocasião de ver, todas elas ferozmente apegadas às suas pequenas profissões de fé heréticas e odiando-se umas às outras tanto quanto odiavam em blo-

co a Igreja. E o próprio maniqueísmo, precisamente porque era sobretudo uma corrente insidiosa e multiforme, manifestou-se num considerável número de variedades, de grupos, de comunidades plenamente apegadas ao dualismo ou semi-heréticas, como esses euquetas da região de Edessa, que afirmavam a união pessoal de Satanás com o pecador e de Deus com o justo, e cujas cerimônias, dignas dos dervixes, se reduziam a vociferantes exorcismos. Perante este pulular de seitas, como é impressionante a unidade da Igreja! Longe de abalá-la, todas essas vagas à volta não fizeram mais do que fortalecê-la.

Este revigoração observa-se sobretudo de duas maneiras. As grandes querelas doutrinárias do século IV tiveram uma importância enorme para o desenvolvimento intelectual do cristianismo e a definição dos dogmas. *Oportet haereses esse!* Convém que haja hereges! Os Padres da Igreja, querendo defender a fé, foram levados a desenvolver um esforço imenso para chegarem a uma visão mais exata das verdades dogmáticas e para tornarem mais precisas as relações entre elas. Por isso, os séculos IV e V são a época mais bela da literatura cristã, os grandes séculos patrísticos. No momento que aqui nos interessa, formulam-se duas afirmações fundamentais: a de que o Filho é consubstancial ao Pai (Nicéia, 325), e a de que o Espírito Santo é Deus, *cum Patre et Filio adorandum* (Constantinopla, 381). É toda uma plêiade completa de espíritos de primeira ordem, tanto no Ocidente como no Oriente, que se dedicam ao estudo profundo, especulativo e racional das verdades da Revelação, e estabelecem a teologia cristã nas suas características gloriosas.

Enfim, a par deste fortalecimento espiritual, verifica-se ainda outro: o da autoridade da sede de São Pedro e do seu sucessor, o Papa. À medida que Constantinopla se empenha nas suas pretensões de capital religiosa, à medida também que a influência dos imperadores se torna mais indiscreta no domínio da fé, tudo aquilo que, na Igreja, se recusa a uma submissão total ao "cesaropapismo" bizantino, volta-se para a sede de São Pedro. Aparentemente diminuída pelo prodigioso desenvolvimento de Bizâncio, Roma ergue-se cada vez mais como a sede mais segura da autoridade religiosa²⁹.

Desta maneira, a crise tão grande que a Igreja sofreu no século IV, aparece-nos, não como um sinal de enfraquecimento, mas como um sintoma rico de esperança: uma crise de crescimento no instante em que, no limiar da vitória, tomava ela a sua conformação definitiva e ia assumir um papel decisivo na história da civilização.